

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA – UFU
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO

MELISSA PEREIRA RIBEIRO

**NARRATIVA JORNALÍSTICA NA CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS:
ANÁLISE DA REPORTAGEM “A METÁSTASE - O ASSASSINATO DE
MARIELLE FRANCO E O AVANÇO DAS MILÍCIAS NO RIO”**

UBERLÂNDIA

2019

MELISSA PEREIRA RIBEIRO

**NARRATIVA JORNALÍSTICA NA CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS:
ANÁLISE DA REPORTAGEM “A METÁSTASE - O ASSASSINATO DE
MARIELLE FRANCO E O AVANÇO DAS MILÍCIAS NO RIO”**

Monografia apresentada ao curso de Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para a obtenção de grau de bacharel em Jornalismo, apresentada à Faculdade de Educação – FAGED/UFU.

Orientador: Prof. Dr. Nuno Manna Nunes Côrtes Ribeiro

UBERLÂNDIA

2019

MELISSA PEREIRA RIBEIRO

**NARRATIVA JORNALÍSTICA NA CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS:
ANÁLISE DA REPORTAGEM “A METÁSTASE - O ASSASSINATO DE
MARIELLE FRANCO E O AVANÇO DAS MILÍCIAS NO RIO”**

Monografia aprovada para a obtenção do título de
bacharel em Jornalismo pela Universidade
Federal de Uberlândia pela banca examinadora
formada por:

Uberlândia, 11 de dezembro de 2019

Prof. Dr. Nuno Manna Nunes Côrtes Ribeiro – UFU/MG

Orientador

Prof.^a Dr. Ivanise Hilbig de Andrade - UFBA/BA

Examinadora

Prof. Dr. Vinícius Durval Dorne – UFU/MG

Examinador

UBERLÂNDIA

2019

AGRADECIMENTOS

Começo agradecendo a Deus pelo dom da vida e por tantos outros que me foram conferidos por Ele para que pudesse me construir e, sobretudo, concluir a tão sonhada graduação.

Aos meus pais, Maria Helena e Antônio Eustáquio, que mesmo tão longe de chegarem a uma universidade pública, fizeram o possível para que este importante passo não me faltasse. Obrigada pelo amor, carinho e apoio incondicionais durante a graduação e na escrita desta pesquisa. Amo vocês.

A minha irmã Milena, pelos conselhos, suporte, compreensão e amizade por toda a nossa vida. Serei sempre grata pelo seu amor e apoio neste importante momento. Sinto orgulho de ser sua irmã.

Ao meu amor e melhor amigo Victor Hugo, agradeço a parceria constante durante toda a graduação, pelos momentos preciosos de partilha e fortaleza, principalmente no desenrolar desta pesquisa. Amo-te.

Ao querido orientador e amigo Prof. Dr. Nuno Manna pelos impulsos que me fizeram concluir esta pesquisa. Gratidão pela paciência, pelos preciosos ensinamentos e por não me deixar desistir nos momentos em que acreditava não conseguir. Você sempre terá um lugar especial em meu coração.

Aos queridos Isabela, Pedro e Thiago (Zina) agradeço a amizade que chegou com a graduação e se estendeu durante este tempo de estudos. Serei sempre grata a vocês por tantos momentos divididos e pela força nos que foram mais difíceis. Que nossa amizade perdure ao longo do tempo.

Ao Grupo de Pesquisa NARRA pela partilha generosa neste último semestre da graduação. A todos vocês, a minha gratidão pela união e pelo amor compartilhado pelos estudos narrativos, em suas mais diversas possibilidades.

Ao jornalista e amigo Ismael Carvalho pela valiosa contribuição neste tempo em que estive na academia. Pelo suporte incondicional e presente em todos os momentos, intensificados na reta final desta pesquisa. O meu sincero carinho e agradecimento.

A Cúria Diocesana de Uberlândia por ter me proporcionado a dignidade do trabalho durante todo o tempo de graduação, me permitindo concluir os meus estudos sem nenhum empecilho. Aqui, lembro com carinho de Dom Paulo Francisco Machado, Diácono Ésio Henrique e das amigas Raimunda, Marcella, Maria Stela, Flávia, Débora, Aline, Ébia e Lara pelo tempo de convivência e apoio na conclusão deste trabalho.

Enfim, agradeço a todos aqueles que, presentes em minha vida, me acompanharam e me fortaleceram durante a graduação e na construção desta monografia. A vocês, meu sincero obrigada. Que Deus vos abençoe.

“Não estamos aqui para ‘tacar’ pedra
o tempo todo (...) ter este espaço
é garantia de que o outro mundo
de fato é possível”
Marielle Franco (2017, s/p).

RIBEIRO, Melissa Pereira. **Narrativa Jornalística na construção de sentidos: Análise da reportagem - “A Metástase - O assassinato de Marielle Franco e o avanço das milícias no Rio”**. 2019. 52 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019.

RESUMO

Esta pesquisa se dedica ao estudo da narrativa jornalística, por meio da análise da reportagem “A Metástase - O assassinato de Marielle Franco e os avanços das milícias no Rio”, publicada em março de 2019, na Revista piauí. Para tanto, apresenta-se a história de Marielle Franco; discute-se as características editoriais da Revista piauí; e, além disso, reúne-se autores que se debruçam sobre a discussão de narrativa e narrativa jornalística. O objetivo geral dessa pesquisa é compreender como o uso de aspectos de linguagem próprios do texto jornalístico, colabora para uma narrativa de construção de sentidos, bem como analisar e apresentar os principais pontos que compõem a narrativa jornalística. Esse estudo se caracteriza como uma pesquisa qualitativa, documental e exploratória. O percurso metodológico escolhido para alcançar os objetivos foi a análise pragmática da narrativa jornalística, baseada na proposta de Luiz Gonzaga Motta (2005). Para tal, buscou-se apontar na reportagem “A Metástase” as estratégias utilizadas pelo narrador para a construção narrativa, seguindo critérios de análise definidos por Motta (2005). Esse estudo permitiu compreender como se deu a construção de sentidos por meio da narrativa. Além disso, foi possível notar a existência de várias construções textuais que cooperaram para que a narrativa fosse idealizada pelo seu narrador. Os resultados dessa pesquisa reforçam a necessidade de se ter profissionais capazes de tecer grandes narrativas, e, assim, contribuir para que sejamos uma sociedade mais informada e ciente dos fatos importantes, pois eles transformam a sociedade e podem produzir múltiplos sentidos.

Palavras-chave: narrativa; jornalismo; construção narrativa; Marielle Franco

RIBEIRO, Melissa Pereira. **Narrativa Jornalística na construção de sentidos: Análise da reportagem - “A Metástase - O assassinato de Marielle Franco e o avanço das milícias no Rio”**. 2019. 52 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019.

ABSTRACT

This research is dedicated to the study of the journalistic narrative, through the analysis of the report “The Metastasis - The murder of Marielle Franco and the advances of the militias in Rio”, published in March 2019, in Piauí magazine. For that, the story of Marielle Franco is presented; the editorial features of Piauí magazine are discussed; and, in addition, there are authors who discuss of narrative and journalistic narrative. The general objective of this research is to understand how the use of language aspects specific to the journalistic text, collaborates for a narrative of construction of meanings, as well as to analyze and present the main points that make up the journalistic narrative. This study is characterized as a qualitative, documentary and exploratory research. The methodological path chosen to achieve the objectives was the pragmatic analysis of the journalistic narrative, based on the proposal of Luiz Gonzaga Motta (2005). To this end, we sought to point out in the report “The Metastasis” the strategies used by the narrator for the narrative construction, following analysis criteria defined by Motta (2005). This study allowed us to understand how the construction of meanings took place through the narrative. In addition, it was possible to notice the existence of several textual constructions that cooperated so that the narrative was idealized by its narrator. The results of this research reinforce the need to have professionals capable of weaving great narratives, and, thus, contribute for us to be a more informed society and aware of the important facts, as they transform society and can produce multiple meanings.

Keywords: narrative; journalism; narrative construction; Marielle Franco

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	p. 9
2	CONTEXTUALIZAÇÃO DO CENÁRIO.....	p. 12
2.1	Marielle, presente!.....	p. 12
2.2	Revista piauí.....	p. 18
3	OLHARES SOBRE NARRATIVAS.....	p. 22
3.1	A narrativa.....	p. 22
3.2	Narrativa jornalística.....	p. 24
4	PERCURSO METODOLÓGICO.....	p. 29
4.1	Critérios de análise segundo Motta (2005).....	p. 29
4.1.1	Primeiro movimento: recomposição da intriga ou do acontecimento jornalístico.....	p. 30
4.1.2	Segundo movimento: identificação dos conflitos e da funcionalidade dos episódios.....	p. 30
4.1.3	Terceiro movimento: a construção de personagens jornalísticas (discursivas).....	p. 31

4.1.4	Quarto movimento: estratégias comunicativas.....	p. 31
4.1.5	Quinto movimento: a relação comunicativa e o “contrato cognitivo”.....	p. 32
4.1.6	Sexto movimento: metanarrativas – significados de fundo moral ou fábula da história.....	p. 32
5	ANÁLISE DA REPORTAGEM “A METÁSTASE - O ASSASSINATO DE MARIELLE FRANCO E O AVANÇO DAS MILÍCIAS NO RIO”.....	p. 34
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	p. 46
	REFERÊNCIAS.....	p. 48

1 - INTRODUÇÃO

Este projeto de pesquisa surge da observação de como a narrativa jornalística é importante para informar a população sobre um fato específico, fazendo com que ela reviva momentos e compreenda melhor uma sucessão de acontecimentos. De modo particular, o estudo propõe um olhar para o gênero de grande reportagem, em que publicações são permeadas por uma apuração detalhada de uma sequência de acontecimentos que, ao serem ligados, fazem parte de uma extensa cobertura jornalística, compondo uma história.

Neste aspecto, o trabalho em questão possui a proposta de compreender quais são os elementos que trafegam na narrativa jornalística, caracterizando e dando significado aos produtos jornalísticos divulgados pela imprensa. Estes, constroem sentidos onde, em muitos casos, não são feitas ligações e encontrados elementos que, de forma linear, explicam importantes acontecimentos. Por meio da narração de fatos, histórias são recontadas e revividas pelos leitores, que de modo geral possuem curiosidades e buscam saber o que aconteceu.

As narrações jornalísticas são observadas e interpretadas, não só por quem leu, mas sobretudo por quem escreveu, buscando transmitir ao leitor fatos e o fazendo entender detalhes importantes do que está sendo narrado, tirando suas próprias conclusões e formando suas opiniões de maneira esclarecida. Nessa perspectiva, a narrativa também pode ser vista como um ponto de mediação entre diversos fatos e o leitor, o aproximando da realidade que está sendo narrada por quem se dedicou a escrevê-la, trabalhando elementos importantes como contextos, histórias e sujeitos.

Assim, em suma, a pesquisa busca estudar e compreender como o jornalista Allan de Abreu adequou conceitos da narrativa jornalística, em sua grande reportagem intitulada “A Metástase - O assassinato de Marielle Franco e o avanço das milícias no Rio”, para a Revista piauí em sua edição de março de 2019, apresentando uma linha de acontecimentos de forma linear e minuciosa, que vai ao encontro da então vereadora da cidade do Rio de Janeiro. A análise se deu através de uma proposta de Luiz Gonzaga Motta (2005) na obra: “A Análise Pragmática da Narrativa Jornalística”.

A decisão por esta pesquisa, veio do fato de que em meio a formação acadêmica jornalística, nos deparamos com diversas possibilidades no fazer jornalístico. Seja a escolha de um tipo de narrativa, do público ao qual ela se destina ou em quais meios os produtos jornalísticos serão divulgados. Durante o percurso da graduação, a própria narrativa jornalística me chamou muita atenção. Tendo em vista este interesse, decidi estudar o campo

de atuação jornalístico, analisando uma narrativa específica, buscando compreender os seus principais pontos e desdobramentos.

Assim sendo, a relevância dessa pesquisa se revela, também, no modo como os veículos têm se comportado frente a essas mudanças. Além disso, acredita-se que os recursos utilizados para construir uma narrativa coesa e verdadeira podem contribuir para que a imprensa não seja tão questionada, como vem sendo recentemente. Outro incentivo possível é o uso de métodos do jornalismo investigativo para compor narrativas de grandes reportagens, como a que foi objeto de estudo nessa pesquisa. Comumente utilizado para a produção de reportagens sobre crimes, grandes ou pequenos, as características do jornalismo investigativo podem contribuir para a produção de outros materiais jornalísticos, à exemplo de uma boa narrativa.

O objeto de pesquisa foi escolhido para este estudo, por ser uma matéria publicada após um ano da morte de Marielle Franco, parte do motivo de ter sido um acontecimento que mobilizou grande parte da população, causando indignação e milhares de pedidos de justiça. Olhando para este cenário, por meio de uma narrativa jornalística bem elaborada, é possível que o leitor mergulhe, ainda mais, na notícia e possua uma maior compreensão acerca dos fatos decorrentes do assassinato da então vereadora do Rio de Janeiro, por meio da publicação em questão.

Tomando por um campo mais amplo, o público em geral pode, também, passar a compreender outros importantes fatos presentes na história, que ao longo do tempo mudaram pensamentos, opiniões e perspectivas. O estudo dessas possibilidades é importante para que outros jornalistas, atuando em seus respectivos veículos de comunicação, possam se conectar a uma nova forma de entender a narrativa jornalística, compreendo, ainda mais, que o seu trabalho fará parte de uma herança jornalística importante para uma compreensão histórica.

Por fim, além da pregnância da Marielle Franco, a grande reportagem escolhida para análise é significativa para a pesquisa, pois se liga a várias histórias e a outras reportagens; além disso, está presente em grande espaço temporal de fatos e sucessões de acontecimentos importantes para história, com fatos relacionados entre si, gerando uma complexa narrativa jornalística. Ressalta-se que a reportagem foi publicada às vésperas das prisões dos possíveis responsáveis pela morte de Marielle e ficou disponível gratuitamente para os leitores até o fechamento dessa fase da investigação.

Posto isso, esta pesquisa possui o objetivo geral de compreender o uso de aspectos de linguagem próprios do texto jornalístico, que colaboram para uma narrativa de construção de sentidos, a fim de analisar e apresentar os principais pontos que compõem a narrativa

jornalística. De modo mais específico, pretende-se descobrir como as características que compõem uma de narrativa jornalística são importantes para a compreensão de fatos que estão atrelados a grandes desdobramentos; traçar os principais elementos da narrativa jornalística presente no gênero de grande reportagem, os quais permitem ao leitor um maior entendimento desses fatos; e apresentar uma análise dos recursos utilizados por jornalistas para relatar os fatos, fazendo com que o público os reviva e compreenda grandes acontecimentos.

2 - CONTEXTUALIZAÇÃO DO CENÁRIO

Pensar a narrativa jornalística como construtora de sentido, nos obriga a entender pontos que estão para além da sua apresentação final, presente no meio para o qual ela foi produzida. Quando escolhemos construir narrativas, grandes ou não, é preciso intensificar as possibilidades e escolher assuntos de cunho social que sejam transformadores. Neste capítulo, se abre uma janela para falar sobre Marielle Franco, sua vida pessoal e especial atuação na vida pública, em registros jornalísticos que foram publicados após a sua morte. Em seguida, o capítulo busca compreender um pouco mais sobre a Revista piauí, local da publicação do objeto desse estudo, dialogando com sua estrutura literária e jornalística.

A contextualização sobre o objeto de análise dessa pesquisa é importante para compreender que ele carrega em si fatos importantes de processos culturais, sociais e políticos que precisam ser interpretados. Compreender as narrativas de maneira contextualizada é algo que nos permite interpretar a história, formada por inúmeros fatos, assim como diz Ricoeur (1983, p. 304): “Compreender a história é compreender como e porque os episódios sucessivos conduzem a essa conclusão, a qual ao não ser previsível deve ser finalmente aceitável, graças a sua relação de conveniência com os episódios imitados pela história”.

2.1 – Marielle, presente!

No dia 15 de março de 2018, horas depois do assassinato da então vereadora da cidade do Rio de Janeiro, Marielle Franco, do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), jornais pelo mundo inteiro dedicaram suas manchetes e primeiras páginas para noticiar a morte da menina que nasceu na favela da Maré no Rio de Janeiro e cravou lutas importantes, especialmente contra a violência policial na comunidade.

Veículos como o *The New York Times*, *The Washington Post* e *BBC* veicularam a notícia da morte de Marielle em seus sites, começando algo que, ao longo do tempo, não teria fim. O *News Deeply* da cidade de Nova York, destacou o assassinato com uma reportagem¹ de título "Das favelas a vereadora, lutando pelos direitos das mulheres no Rio" (tradução livre). O jornal espanhol *El País* escolheu a manchete: "Comoção no Brasil pelo assassinato de Marielle Franco, vereadora e ativista do Rio"².

Pela Europa, o tradicional *The Guardian* destacou os protestos que ocorreram após a morte da vereadora. Na reportagem intitulada “Protestos realizados em todo o Brasil após

¹ Disponível na íntegra em: <https://www.newsdeeply.com/womenandgirls/articles/2017/05/05/from-the-slums-to-city-council-fighting-for-womens-rights-in-rio>. Acesso em: 26 de jun. de 2019.

² Disponível na íntegra em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/16/politica/1521157108_642756.html. Acesso em: 26 de jun. de 2019.

vereadora do Rio ser morta a tiros”³, o britânico escreveu que Marielle era uma política inovadora, que se tornou uma voz pelos menos desfavorecidos nas favelas, que abrigam um quarto da população da cidade do Rio (PHILLIPS, 2018). Ainda na mesma publicação, o jornal também caracterizou Marielle como uma mulher negra, que foi contra as probabilidades ao ser a quinta vereadora com maior número de votos no Rio, em sua eleição no ano de 2016 (PHILLIPS, 2018).

Também no dia 15 de março de 2018, o francês *Paris Match* publicou: "Emoção no Brasil após o assassinato de uma vereadora do Rio"⁴. Na reportagem, o parisiense destacou que em seus últimos dias de vida Marielle havia denunciado o aumento da violência policial nas favelas, sendo contra a decisão do então presidente do Brasil, Michel Temer, ao autorizar uma intervenção militar, confiando a segurança do Rio ao exército (EMOTION..., 2018).

A Anistia Internacional, organização não governamental, defensora dos direitos humanos, publicou uma "nota urgente"⁵ pedindo que o Estado do Rio, com seus órgãos competentes, realizasse uma investigação imediata e rigorosa do crime contra a vereadora. Na nota, a Anistia Internacional (2018, s/p) disse que:

Marielle Franco é reconhecida por sua histórica luta por direitos humanos, especialmente em defesa dos direitos das mulheres negras e moradores de favelas e periferias e na denúncia da violência policial. Não podem restar dúvidas a respeito do contexto, motivação e autoria do assassinato de Marielle Franco #JustiçaParaMarielle.

No início da reportagem de Ernesto Londoño (2018, s/p) no *The New York Times*⁶, se encontram as palavras de Marielle em uma das suas últimas publicações no *Twitter*: "Quantos mais devem morrer para que essa guerra termine?". O *tweet* da vereadora faz referência ao assassinato do jovem Matheus Melo, morto a tiros após sair da Igreja na favela do Jacarezinho. Segundo o Portal G1⁷, a família de Matheus responsabilizou a polícia pelo assassinato.

Após o assassinato da vereadora do PSOL-RJ, essas e outras publicações foram dedicadas à cobertura do fato e destacavam a brutalidade com que Marielle foi morta. A repercussão não estava só nos veículos de comunicação, mas também nas mídias sociais. Só

³ Disponível na íntegra em: <https://www.theguardian.com/world/2018/mar/15/marielle-franco-shot-dead-targeted-killing-rio>. Acesso em: 26 de jun. de 2019.

⁴ Disponível na íntegra em: <https://www.parismatch.com/Actu/International/Emotion-au-Bresil-apres-l-assassinat-d-une-conseillere-municipale-de-Rio-1480103>. Acesso em: 26 de jun. de 2019.

⁵ Disponível na íntegra em: <https://anistia.org.br/noticias/nota-urgente-justica-para-marielle-franco/>. Acesso em: 26 de jun. de 2019.

⁶ Disponível na íntegra em: <https://www.nytimes.com/2018/03/15/world/americas/killing-of-rio-de-janeiro-councilwoman-critical-of-police-rattles-brazil.html>. Acesso em: 26 de jun. de 2019.

⁷ Reportagem disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/jovem-e-morto-no-jacarezinho-apos-sair-de-igreja-com-a-namorada-no-rio.ghtml>. Acesso em: 26 de jun. de 2019.

no *Twitter*, de acordo com uma busca⁸ realizada pela Diretoria de Análise de Políticas Públicas da Fundação Getúlio Vargas (FGV Dapp), o assassinato de Marielle foi mencionado 567,1 mil vezes em um período de 19 horas. Na noite seguinte a execução, foram constatadas 594 publicações na rede por minuto. Ainda para a FGV Dapp (2018, s/p), foi:

importante destacar que as menções a Marielle Franco expressam o seu perfil de mulher, negra e lésbica, que teve sua origem numa comunidade e era ativista dos direitos das mulheres e dos moradores de favela. O fato de ser uma parlamentar, eleita com número significativo de votos também é ressaltado.

Ao procurar pelo nome da vereadora na Revista piauí, objeto dessa pesquisa, o site aponta em primeiro 10 resultados⁹, em que Marielle é protagonista em textos assinados por diferentes autores. A reportagem de título “Depois do atentado: Como a morte de Marielle Franco mudou nossas vidas”, publicada na edição de abril de 2018, assinada pela escritora e roteirista Antônia Pellegrino, conta em detalhes alguns dos seus passos e do esposo, Marcelo Freixo, após o assassinato de Marielle. Em uma longa narrativa, rica em detalhes, é possível perceber a força de Marielle não só em Pellegrino e Freixo, mas em todos aqueles que a seguiam, sobretudo nos que puderam se despedir da vereadora. Em suas palavras, PELLEGRINO (2018, s/p) definiu Marielle como:

uma pessoa política, fruto da construção coletiva e do mérito. Fazia política com radicalidade, no melhor e mais nobre sentido da palavra. Mãe, negra, favelada, de axé, bissexual, feminista, de esquerda. Marielle era muitas, cabe em quase todos nós. Ela era a face luminosa dos excluídos da política, na política.

Adiante, Pellegrino (2018, s/p) afirmou, ainda, que Marielle era “a renovação da política encarnada” e que sua morte deixou impulsos de amor e luta, causando comoção e ação mediante as injustiças. Entender como a vida pública de Franco teve início é importante para entender sua história com profundidade e como ela tinha representatividade no meio pelo qual lutava.

A carreira política de Marielle começou na mesma favela onde nasceu. Na Maré, em 2006, ela coordenou a campanha de Marcelo Freixo (PSOL-RJ), para deputado federal pelo estado do Rio de Janeiro. Segundo dados divulgados pela justiça eleitoral do Rio, naquele ano Freixo foi eleito deputado com 13.547 votos. Quem conta o começo de Marielle na política é próprio deputado em uma entrevista concedida ao canal do *Youtube* do Portal de Notícias

⁸ Conteúdo na íntegra: <http://dapp.fgv.br/morte-de-marielle-franco-mobiliza-mais-de-567-mil-mencoes-no-twitter-aponta-levantamento-da-fgv-dapp/>. Acesso em: 26 de jun. de 2019.

⁹ Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/?s=Marielle+Franco>. Acesso em: 26 de jun. de 2019.

UOL, publicada no dia 23 de março de 2018. Ainda na entrevista, Marcelo Freixo falou um pouco mais da sua relação com a ativista.

Ela trabalhou comigo 11 anos. Eu não fui a nenhuma passeata sem que a Marielle não estivesse do meu lado. Todas as minhas ações nas prisões, nas favelas, pensando os direitos humanos, pensando os direitos humanos para as polícias, tentando superar essa lógica insana de que os direitos humanos é contra a polícia. A Mari sempre foi minha aliada muito forte nisso. Eu não olho para a Marielle como o PSOL. Eu olho pra Marielle como Marielle. Como minha filha. Como a menina que eu vi crescer e transformar todos os sonhos em realidade (UOL, 2018, s/p).

Para além da vida política, Marielle Franco também era filha, irmã, mãe e companheira. Os pais, Marinete da Silva e Antônio Francisco da Silva, criaram Marielle e a irmã Anielle Franco, no Complexo da Maré. Com 19 anos, a vereadora teve sua única filha, Luyara Franco. Em 2004, Marielle começou um relacionamento com a arquiteta Monica Benício, com quem manteve a relação até a sua morte. Em entrevista concedida Júlia Dias Carneiro (2018a) da BBC Brasil, Monica relatou um pouco de sua vida ao lado da militância de Marielle.

À reportagem da BBC, ao falar sobre o lar, Monica relatou: "Não tem outra maneira de sintetizar o que se vivia aqui que não afirmar que nossas famílias existem e que isso era uma configuração familiar. Quer parte das pessoas e da sociedade aceitem isso ou não" (CARNEIRO, 2018a, s/p). Ainda falando sobre a companheira, na mesma entrevista, Monica concedeu alguns detalhes da vida ao lado de Marielle. A arquiteta disse a Carneiro (2018a, s/p): "Eu tenho a impressão de que ela pendurava a armadura do lado de fora quando chegava e vestia de novo quando saía. Aqui, precisava de afeto, de carinho, queria ser cuidada e cuidava também. Era muito bonito. Tínhamos muita cumplicidade". As companheiras viviam em uma casa na Tijuca, Zona Norte do Rio, há pouco mais de um ano e três meses. Luyara, a filha de Marielle, também viveu com elas durante este tempo.

Após quatros meses da morte de Marielle, Luyara concedeu entrevista, também à repórter Júlia Dias Carneiro (2018b) da BBC Brasil, para falar dos dias sem a mãe. Logo no título da reportagem uma fala da jovem: "O luto não acaba, não nos deixam esquecer". Ao descrever a mãe a pedido da repórter a filha relatou: "Ela era o nosso pilar. A fortaleza de todo mundo aqui. A filha mais velha. Era muito cuidadosa, muito preocupada com as coisas. Ela era muito carinhosa. O tempo que tínhamos juntas ela tentava fazer ser o melhor momento do dia" (CARNEIRO, 2018b, s/p).

Outra reportagem publicada em 15 de março de 2019 pela Revista piauí, com o título “Marielle inspira ativismo cotidiano de mulheres anônimas”¹⁰, reúne depoimentos de mulheres diferentes que tiveram as suas vidas impactadas pela vereadora. Em um dos depoimentos colhidos, está o da jovem Dandara Viana, de 26 anos, que relatou às repórteres Ana Carolina Santos e Emily Almeida (2019, s/p) que:

Marielle conseguiu unir as pessoas e se tornar um símbolo. Ela era muito firme no que acreditava. Aí veio esse assassinato. Parecia que tudo que a gente estava tentando construir tinha morrido junto. Uma tentativa de matar todo mundo. Ela conseguiu ser vereadora, conseguiu ascensão social, era acadêmica. Mesmo que uma mulher negra passe por esses espaços de poder, ainda é um corpo negro feminino muito vulnerável à violência. É essa ideia que muitas pessoas têm de que o corpo negro é descartável. Não conheço outra pessoa cuja morte tenha mobilizado tanta gente. Tem um legado dela que explodiu depois da morte, mas ela deixa um legado de vida, construção de políticas, todas as pautas que ela defendia na Câmara. Ela já tinha história, mas virou um símbolo. Ela conseguiu transcender o corpo físico.

Nessa mesma reportagem, Martha Pires, de 80 anos, também deixou seu depoimento sobre Franco. Dentre suas palavras ela destacou a importância de ter alguém que luta pelo direito de todos, independente das lutas pessoais que ela carrega.

Fiz campanha para a Marielle na rua, e muito. Procurei saber quem ela era e vi que era uma pela qual se tinha que batalhar. Tenho os adesivos dela até hoje. Acompanhei pouco seu mandato, porque fico um pouco cansada, mas estive aqui no dia 15 de março do ano passado. Fui criada de forma muito democrática e igualitária. O que me interessa é se a pessoa está batalhando por direitos iguais, pela justiça. Hoje me considero uma pessoa que briga para o ser humano ser humano. Não é ser feminista. Fui ao banco hoje, e as moças me viram com os adesivos e perguntaram ‘Marielle?’ E eu falei ‘É, pelas mulheres. Mas não vá contra os homens, não’ (SANTOS; ALMEIDA, 2019, s/p).

A morte de Marielle comoveu o país em inúmeras manifestações pela memória da vereadora. Milhares de pessoas tomaram às ruas no Rio (ver figura 1), São Paulo e outras capitais para prestar homenagens.

Com o assunto tomando grandes repercussões, não demorou para que várias indagações surgissem sobre o fato, algumas, na época dessa pesquisa, ainda sem respostas. Mas, uma pergunta que ecoou nas ruas ficou marcada com mais intensidade: “Quem matou Marielle Franco?”. Pode-se considerar que apesar da morte de Marielle ter ganhado espaço em grandes veículos de comunicação, seu assassinato também contribuiu para o aumento de uma triste estatística brasileira, a alta taxa de homicídios entre as pessoas negras. Conforme

¹⁰ Reportagem disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/marielle-inspira-ativismo-cotidiano-de-mulheres-anonimas/>. Acesso em: 26 de jun. de 2019.

publicado pelo Atlas da Violência de 2019¹¹, 75% das vítimas de homicídios no Brasil são negras. A publicação ainda traz uma forte percepção da realidade no Brasil: “É como se negros e não negros vivessem em países completamente distintos” (CERQUEIRA, et al., , p. 50).

Figura 1: Homenagem à Marielle Franco em frente ao Teatro Municipal do Rio de Janeiro.



Foto: Leo Correa / AP Imagens. Reprodução: *El País*

O impacto causado pela morte da vereadora ainda ganhou espaço de manifestações em cenários que traçam as mesmas lutas que Franco. Dentre as publicações acerca da morte de Marielle, na edição 150 da Revista piauí, publicada em março de 2019, encontra-se a grande reportagem "A METÁSTASE - O assassinato de Marielle Franco e o avanço das milícias no Rio". Assinado pelo jornalista Allan de Abreu, o texto trata de questões pertinentes ao assassinato de Marielle e contextualiza fatos importantes aos leitores que estão além das primeiras coberturas realizadas pela imprensa em todo o mundo.

A reportagem escolhida para análise, publicada um ano após o assassinato que comoveu o Brasil e o mundo, traça caminhos pertinentes aos avanços do crime no Rio, associando o assassinato da vereadora do PSOL às questões que, em um primeiro momento,

¹¹ Os dados na íntegra do Atlas da violência está disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=34784&Itemid=432. Acesso em: 26 de jun. de 2019.

não estariam tão nítidas, mas que com tempo e apuração passaram a fazer sentido. Compreender como a narrativa desta reportagem se deu, como tratou os fatos, que ocorreram ou não após a morte da vereadora, pode contribuir para entender os impactos causados pelo texto e como ferramentas narrativas foram capazes de construir sentidos em torno de todo esse enredo. Para isso, faz-se necessário, primeiramente, estender discussões sobre a Revista piauí.

2.2 Revista piauí

"A piauí é uma revista mensal de jornalismo, ideias e humor" - essa é a primeira frase encontrada no "sobre nós" da Revista, em seu site hospedado na Folha de São Paulo (PIAÚÍ, 2019, s/p). A sua publicação teve início em 2006 e foi idealizada pelo economista, banqueiro, editor e documentarista, João Moreira Salles. Baltazar (2017, p. 80), ressalta a importância da Revista em comparação com os produtos disponíveis atualmente: "diante dos produtos comercializados na atualidade, a Revista piauí apresenta uma forma incomum de narrar os fatos".

Talvez essa forma diferenciada de contar os fatos esteja ligada a outro ponto em que a Revista se define.

Gostamos de imaginar que somos uma revista serena, que dá tempo a seus jornalistas para que trabalhem, e que isso não é sinônimo de lentidão, mas de apuro. Talvez tenhamos sido influenciados pelas nossas leituras de criança, quando aprendemos que nem sempre a lebre vence a corrida. Com nosso passo cuidadoso, já chegamos na frente várias vezes (PIAÚÍ, 2019, s/p).

Ao navegar pelo site da Revista ou pegá-la em mãos, durante sua leitura é possível perceber uma variedade de assuntos, trabalhados em um conteúdo longo e profundo, que ao primeiro olhar sugere uma grande apuração, rica em detalhes e cheia de elementos que fazem o leitor prender a atenção. Essa apuração permite que o autor, seja ele jornalista ou não, possa construir um campo de sentidos, através dos detalhes e aspectos do texto jornalístico que respeitem à linha editorial da Revista.

Em uma entrevista ao programa "Sempre um Papo" da TV Câmara em 2007, João Salles definiu a linha editorial da piauí como anárquica, pois nela há um pouco de tudo.

É uma revista difícil de se definir em uma só frase e é um pouco da característica dela. É uma revista muito variada de assuntos muito díspares. Eu acho muito difícil você abrir a piauí e não encontrar alguma coisa que te divirta, mas ao mesmo tempo acho difícil você abrir a piauí e não se divertir com tudo. [...] É uma revista em que tudo cabe e não há nenhum assunto que

seja proibido, contanto que tenha determinadas características (TV CÂMARA, 2007, s/p).

Para a pesquisadora Talita Duvanel (2009, p. 42), quem lê piauí dificilmente encontrará em suas páginas reportagens parecidas com as dos grandes veículos diários e semanais de informação, pois a “piauí preza por fugir dos temas explorados pela grande mídia ou então fazer uma abordagem diferente do que tradicionalmente é feito”. Corrobora-se aqui com a perspectiva de Duvanel (2009), e percebe-se que para além de pensar uma revista que preze por abordar assuntos diferentes, isso não quer dizer que na publicação não vão ser abordados temas que, de certa forma, já são pautas tradicionais no jornalismo, mas é possível notar um olhar diferenciado que chega em diferentes ângulos, mesmo partindo de um mesmo assunto. Ainda na entrevista no “Sempre um Papo” (TV CÂMARA, 2007, s/p), o idealizador da piauí comenta esse movimento da revista.

Você nunca vai ler na piauí uma matéria que trate da situação da educação do Brasil. O que não significa que a gente não vai tratar de educação. É típico da piauí, por exemplo, falar de educação encarnando um personagem singular, em uma história concreta, e não em uma abstração. As grandes generalizações não cabem na piauí; elas explicam muito pouco.

Outra característica atribuída a piauí é o uso do jornalismo literário em suas publicações, ainda que seu idealizador não acredite que essa distinção entre jornalismo e literatura esteja presente na revista, ou em qualquer outra publicação. Antes de argumentarmos essa questão, é importante pensar o jornalismo literário contextualizando as suas definições e aplicações. Segundo Weise (2013, s/p), historicamente, no país, o Jornalismo Literário começou a ser visto na Revista Realidade, publicada pela editora Abril de 1966 a 1976, sendo ela “o berço do jornalismo literário no Brasil”. A pesquisadora completa dizendo que, assim como a Revista piauí, a Realidade abordava diversos assuntos de maneira mais aprofundada, de um jeito leve e claro, algo difícil de se fazer em uma época marcada pelo regime militar.

Para autora, a Realidade propiciou transformações importantes para a imprensa no país, tendo em vista do uso do jornalismo literário, sendo possível, também, uma mudança de pensamento de seus leitores.

Realidade estabeleceu um profundo vínculo social, configurando-se como um divisor de águas na imprensa brasileira e trouxe novo estilo de revista usando elementos do jornalismo literário. Além disso, questionou o que era tradicional e fez o público raciocinar por si próprio. A publicação se tornou conhecida por trabalhar com o que se convencionou chamar de ‘a grande reportagem na imprensa brasileira’ (WEISE, 2013, s/p).

A pesquisadora Leticia Nunes Moraes (2007, p. 17), por sua vez destaca que “as reportagens longas e o texto cuidadosamente escrito fizeram de Realidade um marco na história da imprensa brasileira e revelam o interesse da revista em dialogar com um público capaz de compreender e repercutir tal expressão de um jornalismo inovador”. Moraes (2007), ainda, aponta que na Realidade jornalistas tomaram para si a linguagem do *new journalism*, o qual além de adotar de um estilo mais literário ao narrar os fatos, protagoniza a atuação do repórter na produção jornalística, sendo, em alguns casos, uma personagem de sua própria narrativa.

Ao definir jornalismo literário em seus escritos, Felipe Pena (2006, p. 6) diz que fazer uso de suas atribuições:

significa potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lide, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos.

Olhando para as características atribuídas por Pena (2006), pode-se perceber que elas estão presentes, também, no jornalismo diário. Todavia, ressalta-se que de certa forma estão sendo empregadas em escalas diferentes, cada qual propicia percepções diferentes dos fatos a quem lê. Ao seguir esse direcionamento, o autor do texto é capaz de contextualizar as informações, o que, completa Pena (2006, p. 7), “é muito mais difícil no exíguo espaço de um jornal”. Ampliando o espaço de trabalho, é possível que o texto seja trabalhado com características de profundidade, em um espaço de tempo amplo, capaz de se integralizar com novos fatos e abordagens.

Faz-se importante, ainda, trazer uma outra questão apontada por Pena (2006, p. 9), a de que determinar um conceito para jornalismo literário no Brasil é “uma discussão complicada, pela qual temos que passar”. Ainda assim, o autor se arrisca ao considerar que:

no Brasil o jornalismo literário também é classificado de diferentes maneiras. Para alguns autores, trata-se simplesmente do período da história do jornalismo em que os escritores assumiram as funções de editores, articulistas, cronistas e autores de folhetins, mais especificamente o século XIX. Para outros, refere-se à crítica de obras literárias veiculada em jornais. Há ainda os que identificam o conceito com o movimento conhecido como *new journalism*, iniciado nas redações americanas da década de 1960. E também os que incluem as biografias, os romances-reportagem e a ficção jornalística. Eu considero todas as opções (PENA, 2006, p. 13).

Até aqui, o que consegue-se perceber é que, ao contrário do que Salles acredita, é possível que o autor da reportagem crie uma distinção possível entre jornalismo e literatura,

sendo as duas áreas capazes de se completar desde que o autor consiga trabalhar harmoniosamente, sem se esquecer dos conceitos básicos de cada uma das especificidades. Atentando-se de modo particular para a Revista piauí, é importante ponderar que suas publicações estão dotadas de características do jornalismo literário, ainda que seu idealizador não aposte nessa relação.

Ao partir do objeto escolhido para a análise, faz-se necessário entender a representatividade de Marielle Franco e seu espaço na imprensa, perpassando por características editoriais da piauí. Nesse sentido, é importante compreender outros movimentos propostos aqui, o da construção de narrativas, sobretudo as de narrativas jornalísticas. A discussão sobre isso é feita no próximo capítulo através da exposição de textos jornalísticos, como notícias, reportagens e grandes reportagens; com a discussão de pesquisadores e pesquisadoras que falam sobre narrativa e ajudam a compreender as possibilidades de ação na construção de sentidos.

3. OLHARES SOBRE NARRATIVAS

3.1 A narrativa

O estudioso Roland Barthes (1971, p. 19) sugeriu que: “várias são as narrativas do mundo”. Para o autor, a narrativa está presente em todos os tempos, em todos os lugares, em todas as sociedades e começa com a própria história da humanidade (BARTHES, 1971).

Buscar compreender as definições de narrativa, sejam elas quais forem, para Barthers não pode existir dúvidas de que ela é uma “hierarquia de instâncias” (BARTHES, 1971, p. 19).

Sendo assim, as narrativas podem ser articuladas em diversas instâncias, para diferentes produtos, com linguagens distintas. Estão presentes desde a fala até escrita, a pintura, apresentação, representação no cinema, nas novelas. Além disso, as narrativas estão presentes na literatura e no jornalismo. Por este motivo, o conceito de narrativas parte de diferentes percepções. Segundo Gérard Genette (1995), em sua obra “O discurso da narrativa”, propõem uma definição de narrativa por meio de três níveis diferentes. Sua primeira proposta parte da ideia de que "a narrativa designa o enunciado narrativo, o discurso oral ou escrito que assume a relação de um acontecimento ou de uma série de acontecimentos (GENETTE, 1995, p. 23).

O segundo sentido proposto pelo autor define que a “narrativa designa a sucessão de acontecimentos, reais ou fictícios, que constituem o objeto desse discurso, e as suas diversas relações de encadeamento, de oposição, repetição”, entre outros (GENETTE, 1995, p. 24). Este, é próximo ao primeiro, mas destaca-se que, em um segundo momento, esses acontecimentos podem ser reais ou fictícios. Para Genette, neste ponto a narrativa parte de um estudo de conjunto de ações e situações que são consideradas nelas mesmas, sendo possível nos oferecer conhecimento.

Por último, para Genette, o terceiro nível é aparentemente o mais antigo e nele, a “narrativa designa, ainda, um acontecimento: já não, todavia, aquele que se conta, mas aquele que consiste em que alguém conte alguma coisa: o ato de narrar tomado em si mesmo” (GENETTE, 1995, p. 24). Partindo das perspectivas de Genette (1995), pode-se pensar que a narrativa está diretamente ligada ao ato de selecionar os fatos que irão ser reportados, escolhendo quais são os elementos que serão utilizados para tal ação. Em sua obra, o autor ainda destaca uma fala do escritor Christian Metz, segundo o qual, “a narrativa é uma sequência duas vezes temporal: há o tempo da coisa-contada e o tempo da narrativa” (METZ, 1968 *apud* GENETTE, 1995, p. 31). Para estes autores na narrativa o narrador é aquele responsável por acoplar um tempo no outro. Assim, no caso específico do objeto de estudo desta pesquisa, considera-se que o seu narrador “jornalista” assume esse papel de unir os tempos dos fatos ocorridos com o tempo presente.

Ainda, acerca das definições sobre narrativa os pesquisadores Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari (1986, p. 11) vão defini-la como “todo e qualquer discurso capaz de evocar um mundo concebido como real, material e espiritual, situado em um espaço determinado”. Dessa forma, entende-se que o termo “evocar” está ligado ao fato de que as narrativas podem ser

utilizadas para trazer esses mundos para o leitor, utilizando de características próprias das narrativas para que este efeito de real seja alcançado. Isso só é possível a partir do momento em que narrativas passem, também, pelas percepções humanas, pois só assim será possível construir sentidos que estão para além de quem narra.

Sobre a narrativa há, também, indagações pertinentes sobre ela ser composta pela narração ou pela descrição de fatos. De acordo com Motta (2004) é preciso que se compreenda as principais diferenças entre estes dois aspectos. Segundo o autor a "narração é o procedimento representativo dominado pelo relato de eventos que configuram o desenvolvimento de ação temporal que estimula a imaginação" (MOTTA, 2004, p. 3). Por outro lado, o autor define a descrição como "o procedimento representativo de um momento único, estático, temporalmente suspenso, que procura 'naturalizar' o discurso e criar o efeito de real pelo excesso de informações geradoras de verossimilhança" (MOTTA, 2004, p. 3).

Ainda que a discussão seja pertinente, para esta pesquisa vai ser útil uma outra definição de narrar, também apresentada por Motta (2004). Para o autor, as características do texto de quem o narra, levam o leitor a ficar dentro dos acontecimentos, mas ainda assim, o leitor, entra em um segundo momento.

Aquele que narra, segue o argumento, evoca acontecimentos conhecidos que presenciou pessoalmente ou não, e configura o relato de forma verossímil de maneira a induzir o leitor a participar como espectador quase presente nos eventos que relata. Se a singularidade do contar é fixar as ações em uma sucessão temporal, precisamos observar mais de perto essa particularidade narrativa antes de observarmos a questão do envolvimento do leitor (MOTTA, 2004, p. 5).

Lima, Costa e Motta (2004, p. 33) afirmam, ainda, que "o fio condutor do processo narrativo se baseia nas ações explicitadas pela sucessão de atos praticados pelos atores e seu conseqüente enquadramento temporal ao longo de toda a narrativa jornalística". Deste modo, é possível observar que a narrativa jornalística está totalmente relacionada a questões temporais, ligando fato a fato a fim de compor uma história que faça sentido para o leitor.

Para Resende (2009, p. 33), "o ato de narrar, através dos meios, pode revelar legitimações, valores, representações e faltas, dados preponderantes para o processo de compreensão e leitura do mundo". Na perspectiva dessa pesquisa, é relevante observar que o narrador carrega consigo uma grande responsabilidade, ao narrar importantes momentos para a história, ele tem a missão de construir a realidade dos fatos para o leitor, de modo a estar mais próximo da realidade dos fatos.

3.2 Narrativa jornalística

No que diz respeito ao meio jornalístico, as notícias, reportagens ou grandes reportagens são produtos resultantes de diferentes narrativas jornalísticas. Cada produto, independentemente de seu conteúdo, é narrado por alguém que se dedica a escrevê-lo para, em seguida, ser publicado em jornais, revistas ou *sites*. Para Bruno Leal e Carlos Carvalho (2013, p. 25) nas produções dedicadas a discorrer sobre narrativa, sua maioria a compreende como uma “modalidade textual, típica do gênero informativo”. O autor considera, ainda, que “as narrativas jornalísticas são abordadas como o resultado de um conjunto de técnicas, que se articula estratégias de pauta, apuração, entrevista, etc., sendo um momento – o final – do processo de produção da informação” (LEAL; CARVALHO, 2013, p. 25).

Em suas palavras Leal e Carvalho (2013), assim como Genette (1995), consideram que muitos autores se dedicaram a escrever sobre a narrativa. Para Leal e Carvalho (2013), os escritores estão preocupados em apresentar normativas de como o jornalismo deve ser feito, por meio de diversas técnicas e práticas que foram adquiridas pela vida de atuação nas redações e empresas jornalísticas. Os pesquisadores ainda advertem que ao optar por obras nesse estilo, os autores “perdem seu vínculo com as realidades histórico-culturais específicas que dão sentido à sua adoção e uso” (LEAL; CARVALHO, 2013, p. 25). Ademais consideram que é importante que se veja e considere a narrativa jornalística para além dos aspectos apresentando em manuais de redação. Isso porque a maioria deles não apresentam orientações sobre como contar uma boa história jornalística (LEAL; CARVALHO, 2013). Entende-se que se o narrador opta por seguir o que está indicado nesses materiais, ele perderá a liberdade criativa de tecer uma narrativa que contextualize fatos importantes para os seus leitores. Além disso, uma narrativa que se prenda a normas e regras, perde a capacidade de carregar em si transformações sociais abertas e potentes.

Apesar de Leal e Carvalho (2013) entenderem que os manuais enfraqueçam o processo de construção da narrativa jornalística, acredita-se que eles também podem ser pensados como gatilhos iniciais para orientar aqueles que não possuem experiência em redações jornalísticas, como os seus idealizadores e formuladores. Pelo fato desta pesquisa se debruçar sobre esses materiais, isso se torna mais relevante, pois ajuda a caracterizar importantes elementos presentes na narrativa jornalística estudada. Esses produtos jornalísticos, independentemente de sua extensão textual, abrangência ou aprofundamento, são marcados por características de narrativas específicas, capazes de diferenciar essas produções entre si.

Dentre essas produções, está a notícia. Sobre ela, Sodré e Ferrari (1986) no manual “Técnica de Reportagem: Notas sobre a Narrativa Jornalística”, afirmam que a notícia carrega a potencialidade de uma narrativa. Os autores consideram, ainda, que várias notícias estendidas carregam a essência de uma narrativa que pode ser concretizada na reportagem, isso porque à notícia, cabe a “função essencial de assinalar os acontecimentos, ou seja, tornar público um fato (que implica em algum gênero de ação), através de uma informação (onde se relata a ação em termos compreensíveis)” (SODRÉ; FERRARI, 1986, p. 17). Assim sendo, entende-se que há uma relação significativa entre notícia e reportagem, pois a última é um desdobramento da primeira.

Nessa direção, Nilson Lage (2006) conceitua notícia, a partir do ponto de vista de sua estruturação, considerando que é um “relato de uma série de fatos a partir do fato mais importante ou interessante” (LAGE, 2006, p. 17). O autor defende essa definição por considerar que não se trata simplesmente de “narrar os acontecimentos, mas de expô-los”. Outro ponto de destaque é que a notícia pode caracterizar a própria narrativa, sendo “um gênero literário de tradição assentada no épico e sua espinha dorsal é a organização dos eventos em sequências” (LAGE, 2006, p. 17). Tendo isso em vista, os fatos podem ser ordenados, ou não, pelo narrador considerando a linearidade dos fatos jornalísticos sem perder de vista o fato desencadeante da narrativa.

Pode-se constatar, também, que as notícias surgem em caráter imediatista, resultado apenas da divulgação de um fato, sem maiores apurações e pouco desenvolvido. Por outro lado, segundo Sodré e Ferrari (1986, p. 9) a reportagem, como uma extensão da notícia, se caracteriza como um gênero jornalístico privilegiado, onde são narradas as “peripécias da atualidade”. Nas palavras dos autores a reportagem:

seja no jornal nosso de cada dia, na imprensa não-cotidiana ou na televisão, ela se afirma como o lugar por excelência da narração jornalística. E é mesmo, a justo título, uma narrativa - com personagens, ação dramática e descrições de ambiente - separada, entretanto da literatura por seu compromisso com a objetividade informativa (SODRÉ; FERRARI, 1986, p. 9).

Apesar da potencialidade narrativa que a reportagem traz em si e nos vários meios em que ela é empregada, faz-se necessário ressaltar que sua produção acontece a partir de fatos jornalísticos, tratados primeiramente como notícia. Desse modo, é possível que o narrador compreenda que por mais próximo da narrativa literária que a reportagem possa estar, ela não se distancia da objetividade jornalística. Além das descrições, personagens e ações – elementos característicos da narrativa literária – para Sodré e Ferrari (1986) o fato, a

informação e público são tópicos essenciais para a definição de notícia. Em meio ao público, os tipos de narrativa permitem que o leitor acompanhe os fatos como se os tivessem vivenciado. Para Lage (2006, p. 20), essa relação presente na narrativa jornalística é comum, pois é comum que o:

narrador seja testemunha de fatos que efetivamente viveu (as memórias) ou de acontecimentos imaginários no todo ou em parte. Mas é comum que o narrador apareça como observador onisciente e onipresente, isto é, sabedor de tudo e presente em todos os lugares sem aparecer objetivamente que está narrando.

Para além da relação entre narrador e fato, é preciso pensar na relação entre o texto jornalístico e o público que ele se destina. Considerando, que para Sodré e Ferrari (1986) o público é um ponto essencial para se definir a notícia, é fundamental considerar a relação entre o público e quem está narrando o fato jornalístico. Os autores afirmam que “a aproximação com o leitor é maior, na medida em que se pode acompanhar o desenrolar dos acontecimentos quase como testemunha. Esse tipo de relato se apoia na ação e no detalhamento. Tenta reproduzir os fatos, realizando-os para o leitor” (SODRÉ; FERRARI, 1986, p. 21).

Acredita-se que ao tecer uma narrativa jornalística, o narrador deve se preocupar em oferecer subsídios que contemplem o público para o qual se destina, partindo da perspectiva de que ele acompanhe a narrativa no mesmo ritmo proposto pelo narrador e estabeleça conexões claras no desenrolar dos fatos.

Sobre essas conexões, Leal e Carvalho (2013) ressaltam que o jornalista precisa estar situado sobre as relações fundamentais que envolvem a narrativa, sua dinâmica e as relações de saber, junto as experiências que ele agrega ao longo de sua carreira. Para os pesquisadores, “quando falamos em narrativa temos diante de nós um fenômeno abrangente, com o qual temos contato, sob várias formas, em diferentes momentos e com diversos propósitos ao longo do tempo” (LEAL; CARVALHO, 2013, p. 31). Assim, “uma narrativa, não é uma simples modalidade textual. É um modo de apreender o mundo, de dar sentido à vida”, ao narrar fatos que já ocorreram, dá sentido e faz o leitor participar do fato como se estivesse lá (LEAL; CARVALHO, 2013, p. 29). Este ponto, faz com que o jornalista tenha uma preocupação maior com elementos que compõem essa narrativa para que ela seja compreendida.

Ainda que em um primeiro instante esteja claro que as narrativas jornalísticas possuem suas particularidades, previstas em manuais de fácil entendimento e visualização em produções no meio, para Leal e Carvalho (2013) essas descrições de como a narrativa deve

ser construída, acabam esvaziando a possibilidades de um jornalismo pensado como um fenômeno cultural complexo, que não se sintetiza em manuais de redação. Logo, “saber manejar, dominar esse modo de escrever caracteriza a habilidade e o esforço daqueles que se propõem a ser tidos ou não como bons jornalistas” (LEAL; CARVALHO, 2013, p. 25).

Outro ponto que merece destaque é o tempo, que inclusive é uma parte chave desta pesquisa. É importante pensar que ao narrar a experiência humana, o narrador terá em mãos acontecimentos de caráter temporal que possuem em si as principais referências de toda a obra narrativa, seja ela literária ou jornalística. Paul Ricoeur (2012) considera que este ponto é a principal característica nas referências das produções narrativas.

Será sempre tomado aqui como o adjetivo correspondente ao substantivo narração. Em outros termos, o tempo devém tempo humano na medida em que é articulado de modo narrativo, e os relatos adquirem sentido ao tornarem-se as condições da existência temporal (RICOEUR, 2012, p. 2).

Posto isso, é possível considerar para que os fatos adquiram sentido, não é preciso que eles sejam retratados ao leitor de uma maneira linear, partindo de sua sucessão real no paradoxo humano. Além disso, estar para além do agora, permite que o autor possa ter a autonomia de levar em conta, ou não, essa característica. Sobre as indagações que afligem a nossa existência humana, Ricoeur (2012, p. 2) afirma que ela está “além do caráter puramente linear e cronológico – ou antes cronométrico – do tempo. Eles acompanham toda tentativa de elaborar a relação dialética entre passado, presente e futuro, e a relação dialética entre parte e todo temporal”.

Sendo a narrativa lugar de expressão da experiência humana, podemos compreendê-la como um canal formativo que contribui para que a sociedade faça mediações. Para Fernando Resende (2009, p. 36), dessa forma as narrativas são importantes para representações e mediações, nas palavras do pesquisador:

De qualquer modo, compreender a narrativa como lugar de produção de conhecimento significa dar ênfase à ideia de jornalismo como atividade própria de um espaço dinâmico em que se articulam estratégias de poder e como parte de um processo no qual representações e mediações são indissociáveis.

Considerando as mediações possíveis por meio da tessitura das narrativas, e das narrativas jornalísticas, apresentada por Resende (2009) e caracterizada por Sodré e Ferrari (1986), Genette (1995), Lima, Costa e Motta (2004), Ricoeur (2012) e Leal e Carvalho (2013), pode-se compreender que a narrativa jornalística também pode abrir espaços

educacionais, considerando o jornalismo como forma de promover saberes sobre os contextos que o autor da narrativa se propõe a narrar.

Desse modo, é interesse desta pesquisa aplicar os conhecimentos e conceitos dos pesquisadores e pesquisadoras apresentados(as) acima, para a realização da análise do objeto desta pesquisa, respondendo os objetivos que serão contemplados por meios de observações, análises textuais narrativas e outros aspectos sugeridos por Luiz Gonzaga Motta (2005), os quais vão ser apresentados no capítulo seguinte.

4 - PERCURSO METODOLÓGICO

Para realizar a análise da reportagem “A Metástase - O assassinato de Marielle Franco e o avanço das milícias no Rio”, esta pesquisa parte da metodologia apresentada na obra de Luiz Gonzaga Motta (2005), intitulada: “A análise pragmática da narrativa jornalística”. O autor traça seis caminhos para este movimento, são eles: I) recompor a intriga ou acontecimento jornalístico; II) identificar os conflitos e a funcionalidade dos episódios; III) perceber como foram construídas as personagens jornalísticas (no nível discursivo); IV) entender as estratégias comunicativas adotadas pelos autores das notícias; V) apontar a relação comunicativa e o “contrato cognitivo” entre os produtores e leitores e, enfim, VI) identificar os significados de fundo moral ou fábula da história. É importante ressaltar que Motta (2005) proporciona este caminho tendo como base uma narrativa específica que presume um conjunto de notícias que foram localizadas em uma mesma narrativa e, a partir disso, criam sentido.

A nossa opção aqui é pela análise de um conjunto de notícias isoladas sobre um mesmo tema publicadas dia após dia, que aparentemente não possuem narratividade. Propomos integrar essas notícias isoladas em um conjunto significativo solidário, como uma história única: um acontecimento. Juntar o que a dinâmica da atividade jornalística separa. Reunir as notícias diárias em episódios e sequências maiores, como se fossem um acontecimento único e singular (MOTTA, 2005, p. 3).

Assim sendo, Motta (2005) aposta em um movimento narrativo que surge a partir do momento em que relacionamos acontecimentos uns com outros, em um desenrolar cronológico. Com isso, “a partir dos enunciados narrativos somos capazes de colocar as coisas em relação umas com as outras em uma ordem e perspectiva, em um desenrolar lógico e cronológico. É assim que compreendemos a maioria das coisas do mundo” (MOTTA, 2005, p. 2). Em sua proposta, Motta (2005) apresenta a tendência que temos em organizar as nossas experiências de forma narrativa, acrescentando pensamentos de psicólogos culturais, para os quais possuímos uma “predisposição primitiva” para conduzir uma organização da narrativa da realidade.

4.1 Critérios de análise segundo Motta (2005)

A fim de melhor compreender a análise proposta por Motta, optou-se por separar e descrever as intenções do autor para cada um dos seis movimentos propostos. É a partir deste

estudo que esta pesquisa busca compreender a construção narrativa presente no objeto de estudo aqui em questão, a reportagem “A metástase - o assassinato de Marielle Franco e o avanço das milícias no Rio”, da Revista piauí.

4.1.1 Primeiro movimento: recomposição da intriga ou do acontecimento jornalístico

De acordo com Motta (2005, p. 4) o primeiro movimento na análise deve observar a conexão das partes, visualizando a sequência dos fatos isolados, permitindo um “encadeamento narrativo cronológico”, como uma nova síntese. Essa reescrita, permite que o leitor tenha uma nova compreensão da história. Ainda de acordo com o autor, essa construção é capaz de apresentar outros elementos que darão efeito de sentido, sendo eles: “retardamento do desfecho, ritmo da narração, explicações causais e outras atitudes organizativas do texto que vão indicar como ele pretende ser compreendido pelo receptor (as intenções do narrador)” (MOTTA, 2005, p. 4). Para que esse movimento seja observado, Motta (2005, p. 4) ressalta que se faz necessário perceber como o autor constrói “encaixes que estruturam o encadeamento dos incidentes fragmentados em sequências cronológicas coerentes”.

4.1.2 Segundo movimento: identificação dos conflitos e da funcionalidade dos episódios

Para Motta (2005, p. 5), "o conflito é o elemento estruturador de qualquer narrativa, particularmente da narrativa jornalística". Nesse movimento, o autor se dedica a tratar dos conflitos, por acreditar que são eles que permitem que surjam novas perspectivas que, uma a uma, vão mantendo a narrativa viva. Com essa abertura, sempre haverá por parte dos leitores a expectativa pelo desenrolar das histórias o que, conseqüentemente, mantém o trabalho jornalísticos no meio midiático. Ainda para o autor, o início de uma narrativa jornalística é marcado, muitas vezes, por fatos com "conotações dramáticas imediatas e negativas, que irrompe, desorganiza e transtorna" (Motta, 2005, p. 6). A partir desta premissa, estes fatos que propiciam o início de narrativas podem ser tanto situações mais simples, quanto complexas, como os exemplos citados pelo próprio autor: crime, golpe, anormalidades climáticas, fenômeno físico ou social de impacto, entre outros.

Neste sentido, qualquer que seja o fato de impacto, para Motta (2005) há sempre perspectivas diferentes, como versões, interesses que rompem equilíbrios e que, conseqüentemente, geram tensão. Por fim, são estes pontos que contribuem para que o

analista possa reunir diversas notícias diferentes que primeiramente não apontam nenhuma ligação direta, mas que podem construir um novo enredo.

4.1.3 Terceiro movimento: a construção de personagens jornalísticas (discursivas)

Motta (2005, p. 7) afirma que no jornalismo "as personagens costumam ser fortemente individualizadas e transformam-se no eixo das histórias". Neste ponto de análise, Motta (2005) acredita que este terceiro movimento acompanha o primeiro, a percepção de fatos, pois, segundo o pesquisador, as personagens têm uma representatividade importante durante a história. São eles que são atores de ações e carregam funções consideráveis em todo o enredo. Motta (2005) chama atenção dos analistas para o fato de que as personagens representam pessoas reais, permitindo assim, que ambos estabeleçam uma "relação íntima". Nesse terceiro movimento, o autor ressalta, ainda, que interessa ao analista compreender como eles foram construídos na narrativa jornalística, pois o importante não é o fato em si, mas a versão da história. Motta (2005) acrescenta e aponta ao analista que, ao olhar para as personagens, é preciso "concentrar as observações de sua representação como figura do discurso jornalístico, observar como o narrador imprime no texto marcas com as quais pretende construir a personagem na mente dos leitores/ouvintes" (Motta, 2005, p. 7).

4.1.4 Quarto movimento: estratégias comunicativas

No que se refere o quarto movimento, Motta (2005) propõem dois tipos de discurso narrativo, que compõe as estratégias comunicativas. O primeiro é subjetivo (ficção) que se diferencia pela existência do narrador, de alguém que narra a história, fazendo com ele seja um "dispositivo argumentativo". O segundo é um discurso objetivo, que ao contrário do primeiro, apresenta um narrador distante, de maneira que não haja ninguém por trás da narração. Para o autor, o jornalista é primeiramente um narrador discreto e usa de recursos para disfarçar a sua atuação perante o texto. Motta (2005, p. 8) afirma que "um narrador nega até o limite a narração; finge que não narra, apaga a sua presença. Assim, estudar as narrativas é encontrar quais são os dispositivos usados pelos que se dedicam a escrever. Estes dispositivos conseguem mostrar o uso proposital de recursos ao tecer uma comunicação jornalística e, assim produzir efeitos.

Nessa direção, Motta (2005) afirma que "o jornalismo é uma linguagem argumentativa e não há um estilo jornalístico, mas sim uma retórica jornalística. Quem narra tem sempre algum propósito ao narrar: nenhuma narrativa é ingênua, muito menos a narrativa jornalística" (Motta, 2005, p. 9). Para a análise, o autor sugere que é preciso observar a narrativa como "jogos de linguagem", indiferente se ele está sendo utilizado em narrativas reais ou fictícias. Assim, cabe ao analista capturar "as sutilezas desse jogo de contrários, observar os efeitos de real e os efeitos poéticos do jornalismo" (MOTTA, 2005, p. 9). Para tanto, a análise deverá partir de dois caminhos: I) estratégias de objetivação: construção dos efeitos de real e II) estratégias de objetivação: construção de efeitos poéticos.

4.1.5 Quinto movimento: a relação comunicativa e o "contrato cognitivo"

Motta (2005) abre o quinto movimento discorrendo sobre a narrativa literária. Para ele, a narrativa se dedica a entender o "ponto de vista" de quem está narrando, diferenciando entre "quem vê" e "quem fala". Aqui, Motta (2005) está preocupado em esclarecer a diferença entre o literário e o jornalístico. No primeiro, atenta-se para a perspectiva do olhar de quem está narrando. Motta (2005) conta, ainda, que autores se dedicam a falar sobre este ponto e utilizam expressões como "perspectiva narrativa" ou "situação narrativa". Na atualidade, se fala em "foco narrativo" que está relacionado em diferenciar o narrador heterodiegético, do narrador homodiegético. No jornalismo, ressalta-se o enquadramento e a abordagem para compor a estratégia comunicativa. Para a análise, deve-se partir de uma observação, como descreve Motta (2005, p. 12), da relação comunicativa narrador-narratário, que está ligada entre "o jogo das intencionalidades do narrador e as interpretações e reconhecimentos da audiência", bem como se concentrar na situação espaço-temporal para entender as condições da relação comunicativa. Partindo deste ponto de vista, o texto assume uma função de dar liga entre narrador e narratário, realizando assim um ato comunicativo. Por fim, Motta (2005) volta a importante premissa do jornalismo como ponte entre fatos e o público, sendo ele essencialmente verdadeiro, levando a verdade dos fatos. "O jornalismo é o lugar natural da verdade, o lugar do texto claro, isento, preciso, sem implicaturas nem pressuposições" (MOTTA, 2005, p. 13).

4.1.6 Sexto movimento: metanarrativas – significados de fundo moral ou fábula da história

O último movimento descrito por Motta (2005) considera que toda narrativa, seja ela fática ou fictícia, se constrói com um fundo ético e moral. Nas fabulas e contos este fundo está presente, ao passo que na narrativa jornalística, ainda que ela seja construída com a pretensão de ser imparcial, também pode haver este mesmo fundo. Segundo o autor, a notícia sempre apresenta uma quebra ou perpassam algum sentido fixo. Caber a quem está analisando a narrativa perceber e clarear se nela há ou não este significado ético e/ou moral. Motta (2005) parte do entendimento de que nada que é publicado em jornais, revistas ou outros meios midiáticos, surgem sem qualquer objetivo ético ou moral, que não se revele no seu tecer. Este fundo é o fio condutor pelo qual o narrador irá desenvolver o seguimento das notícias sobre o assunto que está em foco (MOTTA, 2005). Mas, o autor adverte que esse fundo, moral e/ou ético, nem sempre vai ser “claro ou consciente para o jornalista no momento de produção do texto e poucas vezes transparece nítido para os receptores na fugaz leitura ou audiência diária das notícias” (MOTTA, 2005, p. 14).

5 ANÁLISE DA REPORTAGEM “A METÁSTASE - O ASSASSINATO DE MARIELLE FRANCO E O AVANÇO DAS MILÍCIAS NO RIO”

Baseando-se nas exposições destacadas acima, da obra “Análise pragmática da narrativa jornalística”, desenvolvida por Motta (2005), segue-se nesse capítulo com a análise do objeto dessa pesquisa, a reportagem “A metástase - o assassinato de Marielle Franco e o avanço das milícias no Rio”, publicada pela Revista piauí, em março de 2019. A análise foi realizada a partir dos seis movimentos que foram descritos por Motta (2005), cuja finalidade foi de auxiliar analistas de narrativas. Por meio da obra, nota-se que é possível contemplar os pontos importantes para a compreensão da narrativa jornalística presente no objeto e como ela foi capaz de contribuir para a construção de sentidos.

A reportagem em foco foi assinada pelo jornalista Allan de Abreu e está dentro de uma seção intitulada: “anais da tragédia brasileira”, no site da Revista. Como já mencionado anteriormente, o assassinato de Marielle Franco (PSOL-RJ), e Anderson Gomes, motorista da vereadora, provocou uma onda de revolta contra a criminalidade na cidade do Rio de Janeiro, em especial sobre a perseguição de defensores dos direitos humanos. Isso fez surgir uma série de atos que, ao longo do tempo, não passariam e, ainda, continuam ocorrendo em busca de uma resposta para a seguinte pergunta: “Quem mandou matar Marielle Franco e Anderson Gomes?”.

“A Metástase” é uma grande reportagem composta por 75 parágrafos. O narrador optou por tecer uma construção de narrativa linear, priorizando a ordem com que os fatos ocorreram. Isso ajuda o leitor a entender a história nesta perspectiva. Foram escolhidos fatos que antecederam o assassinato e fatos que ocorreram após o crime. Logo abaixo estão trechos escolhidos da reportagem que, aqui, foram considerados diferenciais na narrativa jornalística, priorizando a especificidade proposta por Motta (2005, p. 2), na qual o narrador opta por estabelecer sequencias de continuidade, fazendo com que “a narrativa integre ações do passado, presente e futuro”. O autor ainda ressalta que a metodologia que ele propõe é apropriada para narrativas que foram construídas a partir de diversos fatos isolados que, ao serem colocados juntos, foram uma única história repleta de significados, Indo de encontro com o objeto de estudo em questão.

Assim sendo, parte-se para a observação do primeiro movimento descrito por Motta (2005), a recomposição da intriga ou do acontecimento jornalístico. Em alguns momentos durante a narrativa, em “A Metástase”, o texto estabelece essa relação com o seu receptor. Pensando neste movimento, é possível perceber o quanto a recomposição foi capaz de

aproximar o leitor do fato descrito, como se ele estivesse vivendo o fato jornalístico junto as personagens da história. Um exemplo disso, aparece quando o narrador se dedica a recompor todo o momento do assassinato de Marielle e Anderson. Pode-se perceber o primeiro movimento no seguinte trecho da reportagem:

O relógio no painel do carro marcava 21h14. Fazia menos de dez minutos que Marielle, a sua assessora, Fernanda Chaves, e o motorista Anderson Gomes haviam deixado a Casa das Pretas, na rua dos Inválidos, no Centro da cidade, depois do debate “Jovens Negras Movendo as Estruturas”, organizado pelo PSOL [...] Quando, às 21h20, o carro com a vereadora dobrou a esquina das ruas Joaquim Palhares e João Paulo I, no bairro do Estácio, ainda no Centro, o *Cobalt* emparelhou com o *Agile* a uma distância de 2 metros. Do vidro aberto do carro prata, a HK disparou treze tiros entre a porta direita traseira e o fim da lateral do *Agile*, exatamente no local onde estava Marielle (ABREU, 2019, s/p).

Os trecho foi retirado de um momento da narrativa em que há outros detalhes sobre o assassinato. Nele, destaca-se uma narrativa detalhista, com fragmentos que contribuem para tecer o real ao leitor, fazendo-o acreditar que aquele fato em específico ocorreu de modo semelhante ao que foi descrito pelo narrador. Como sugerido por Motta (2005), é possível observar neste ponto a presença de personagens, cenários, situações e a sucessão de estados de transformação. Além disso, está presente uma versão mais completa do fato em si, que foi composto por meio de outros isolados, constituindo o que Motta (2005) chama de nova síntese, transformada em uma nova história.

Outro aspecto a ser observado é como o narrador dita o ritmo do desenrolar dos fatos isolados. Através de elementos narrativos, como a presença de hora, lugares, transições, falas das personagens, datas, ferramentas literárias, dentre outros, o narrador prende a atenção do leitor por meio destes efeitos que causam coesão e, automaticamente, geram sentidos entre um fato e outro, revelando uma narrativa coerente, como aponta-se neste trecho da reportagem:

Uma delas era um morador de rua, que presenciou o crime a uma distância de apenas 10 metros. “Foi tudo muito rápido. O carro dela [Marielle] quase subiu na calçada. O veículo do assassino imprensou o carro branco [onde estava a vereadora]. O homem que deu os tiros estava sentado no banco de trás e era negro. Eu vi o braço dele quando apontou a arma, que parecia ter silenciador”, disse o homem (ABREU, 2019, s/p).

As personagens dão vida a narrativa e asseguram que aquele fato realmente ocorreu, pois acaba confirmando o que foi narrado anteriormente sobre o assassinato. No trecho a seguir, constata-se esse mesmo movimento:

Uma mulher também viu a cena, embora de uma distância maior. Tanto ela quanto o morador de rua contaram à repórter que PMs do 4º Batalhão, em São Cristóvão, chegaram minutos após o crime e pediram para que todos se

afastassem do local, sem se interessar por possíveis testemunha (ABREU, 2019, s/p).

Ainda sobre este primeiro movimento, nos últimos dois trechos destacado acima, está presente uma outra personagem na narrativa, a jornalista Vera Araújo, do Jornal O Globo. Ela parece ser aquela que contou para o narrador, a sua conversa com o morador de rua e com a mulher citada. A personagem de Vera caminha pela mesma perspectiva dos outros dois personagens e contribui para que a veracidade dos fatos seja reafirmada.

Segue-se a análise da reportagem “A Metástase” utilizando o segundo movimento apresentado por Motta (2005), a identificação dos conflitos e da funcionalidade dos episódios. Evidencia-se que é possível identificar a presença desse movimento em grande parte do texto. Como já citado, a partida da narrativa em questão está ligada primeiramente a identificação de um fato que carrega em si uma grande potencialidade jornalística. A partir dele, em prol de uma variedade de episódios isolados, mas diretamente ligados ao fato, o narrador consegue construir uma trama única, que se remonta em uma grande história jornalística. O narrador buscou episódios, não só a partir do assassinato, mas em acontecimentos anteriores, tecendo uma narrativa singular, dotada de elementos significativos que contribuem para que essa junção seja feita e construa efeitos perante toda a história em pauta. A exemplo disso, focaliza-se o seguinte trecho da reportagem:

No primeiro semestre de 2001, o professor Marcelo Baumann Burgos reuniu 22 alunos do curso de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro para um estudo sociológico na favela Rio das Pedras, na Zona Oeste da cidade. Pesou na escolha da comunidade, além de seu tamanho – 40 mil habitantes na época e 80 mil hoje –, o fato de ser uma das poucas da capital fluminense sem narcotraficantes (ABREU, 2019, s/p).

Aqui, percebe-se que o narrador resgata um fato que ocorreu em 2001, mas que interessa ao leitor para que a linha de pensamento de quem se dedica a escrever seja entendida. Como afirmado por Motta (2005, p. 6), “são estratégias de linguagem, movimentos retrospectivos para recuperar a memória de eventos ou episódios anteriores ao presente da ação e têm uma funcionalidade orgânica na história”. Em outro momento, próximo ao anterior, o narrador apresenta outro acontecimento.

O mesmo modelo de organização criminosa, lucrativa, expandiu-se rapidamente para bairros próximos de Rio das Pedras, tomando áreas do tráfico de drogas. Formados por policiais e bombeiros, da ativa ou aposentados, esses grupos eram chamados inicialmente de “polícia mineira” – a expressão tem origem na maneira truculenta com que policiais de Minas Gerais capturavam criminosos durante incursões pelo Rio nos anos 60 e 70 (ABREU, 2019, s/p).

Assim como o primeiro trecho de análise desse segundo movimento, esse último apresenta outro fato que é anterior ao crime. E apesar de se referir a décadas atrás, esse fato possui a função de retratar historicamente o início de iniciativas de organizações criminosas, que permanecem até então, em diferentes formatos, nas favelas do Rio de Janeiro. Por isso, o olhar de quem analisa deve estar atento para encontrar estes elementos que também contribuem amplamente para a construção de sentidos em uma narrativa tecida por diversos acontecimentos ao longo do tempo.

Ao tecer “A Metástase”, o narrador também apresentou outros fatos importantes que contribuem para a liga que ele deseja dar ao texto, e para a compreensão do leitor, como mencionado anteriormente. Entre os demais trechos da reportagem, há um que merece destaque, a saber:

Na tarde do dia 15, cerca de 50 mil pessoas se aglomeraram em frente à Câmara Municipal para o velório, num ato que misturava dor e protesto. Houve manifestações populares em dezessete estados naquela noite. O crime foi destaque na imprensa internacional, ganhando as páginas dos jornais *The New York Times*, *The Washington Post*, *The Guardian* e *Clarín*, entre outros (ABREU, 2019, s/p).

Nota-se que tudo o que surgiu depois do crime, ficou para além da morte de Marielle e Anderson. Acredita-se que as manifestações que ocorreram momentos depois, seja na imprensa ou nas ruas, permitiram que a audiência entendesse o porquê é importante tecer uma narrativa relacionada a principal personagem da história. Existe ainda outro acontecimento relevante, como a ligação de Marielle com Marcelo Freixo (PSOL-RJ), que impulsionou seu desejo por uma carreira política e sua eleição para vereadora pela cidade do Rio. Em 2016, Marielle decidiu concorrer pela primeira vez a um cargo público. Candidatou-se a vereadora pelo PSOL e obteve a quinta maior votação na cidade, “46 mil votos, a maior parte deles oriundos da Zona Sul” (ABREU, 2019, s/p).

Posto isso, avança-se para o terceiro movimento de análise apresentado por Motta (2005): a construção de personagens jornalísticas (discursivas). Esse é outro movimento tão presente na reportagem “A Metástase” quanto o segundo movimento. Encontra-se a presença de personagens que são evidenciados pelo narrador e se tornam peças essenciais para o desenrolar de toda a trama, ou que então tiveram um papel essencial em sua construção, assim como apontado por Motta (2005). Observa-se que na reportagem, o narrador mostra os personagens através de detalhes de sua atuação na trama, independentemente de quem eles são fora da narrativa, como no trecho a seguir:

Vera Araújo trabalha há trinta anos como jornalista e se especializou na cobertura de temas relacionados à segurança pública no Rio. Em março de 2005, numa reportagem que publicou no jornal O Globo, mostrou que onze grupos de paramilitares controlavam 42 favelas na capital, principalmente na Zona Oeste. Pela primeira vez, o termo “milícias” foi utilizado para identificar esses agrupamentos de policiais e ex-policiais (ABREU, 2019, s/p).

O trecho anterior apresenta a jornalista Vera Araújo que foi a criadora do termo “milícias” e ela possui um papel chave na narrativa, não só por cunhar o termo, mas por contribuir com a sua apuração jornalística, trazendo espaços e detalhes importantes para a grande reportagem em questão. Outro exemplo da construção de personagem jornalística é o caso do delegado Ginton Lages, figura essencial para essa narrativa.

Depois de viver uma década no Rio de Janeiro, o delegado Ginton Lages, 44 anos, praticamente perdeu o sotaque caipira. Paulista de Jaú, ele se formou em Direito no interior de São Paulo [...] Em 2010, chegou à Delegacia de Homicídios (DH) da Baixada, onde atuou por oito anos. Em 17 de março do ano passado, três dias após a morte de Marielle, Lages assumiu a chefia da DH na capital, com a missão de elucidar o crime (ABREU, 2019, s/p).

Depois disso, Lages volta a ser exposto durante a narrativa, nas questões que estão ligadas à investigação do fato jornalístico, bem como dos fatos relacionados à proposta da produção jornalística. Outro personagem que corrobora para a narrativa é o jornalista, Antônio Werneck. A “trinca de delgados”, assim definida pelo narrador, entregou para Werneck o que foi chamado de “furo”, durante em uma ligação recebida pelo jornalista na redação do O Globo. A partir deste momento, a trama ganha outras peças importantes para a investigação do assassinato.

A trinca de delegados apresentou o repórter Werneck ao sargento da PM Rodrigo Jorge Ferreira, que estava ali para fazer uma revelação. Suspeito ele mesmo de ser um miliciano, Ferreira acusava duas pessoas de terem tramado o assassinato de Marielle: o vereador Marcello Siciliano, do PHS, e o ex-policia militar Orlando Oliveira de Araújo (ABREU, 2019, s/p).

Para Motta (2005), o que interessa é como as personagens estão evidenciadas no texto, mostrando ao leitor quem são elas a partir de suas próprias características dentro da trama. Este movimento permite que a proximidade entre personagem e o ator da vida real possa estar evidente. Além disso, contribui da mesma forma para a construção de uma narrativa que converse com o leitor. Na narrativa em questão, há outras personagens que são atores importantes para o contexto, sendo possível estabelecer ligações entre elas, formando uma trama que envolve os avanços das milícias no Rio, a investigação do caso Marielle, o cenário político e social, o próprio campo jornalístico, entre outros.

A partir do quarto movimento de análise descrito por Motta (2005), estratégias comunicativas, é possível observar as duas estratégias de objetivação, as ligadas a construção de efeitos do real e as de efeitos poéticos. Neste movimento, Motta (2005) destaca dois tipos de narradores que estão presentes em diferentes narrativas, aqueles que estão evidenciados e aparecem dentro do contexto e aqueles que optam por permanecerem distantes, sem um papel fixado dentro da construção jornalística. Posto isso, para Motta (2005) é importante que o analista observe quais são os jogos de linguagem utilizados pelo narrador, pois nestes jogos que o narrador constrói os efeitos de real ou poéticos.

No objeto em estudo, em questão, é possível encontrar o narrador presente, apesar de também, às vezes, percebê-lo distante. Ainda assim, o narrador participa a todo momento do texto narrativo, mostrando a sua participação na trama através de contatos com outros jornalistas, conversas pessoais com as personagens, suas considerações sobre o crime e a sua habilidade de juntar fragmentos sequenciais, mesmo sem uma ligação prévia, mas permitindo que o sentido narrativo seja estabelecido. Um exemplo disso aparece no seguinte trecho: “Conversei com três pessoas que tiveram acesso ao inquérito. Os papéis, segundo elas, revelam que faltou foco na ação da polícia nas primeiras semanas de apuração” (ABREU, 2019, s/p). Neste fragmento, constata-se o narrador presente, que tem função dentro da narrativa e opta por aparecer e criar, também, os mesmos efeitos que outros trechos proporcionam, a realidade dos fatos. Isso é possível a partir do momento em que ele se coloca em primeira pessoa em sua própria narrativa. A mesma intenção pode ser notada no seguinte fragmento: “Foi um depoimento feito para vazarem para a imprensa. Teve outro objetivo que não a investigação’, me disse Marcelo Freixo” (ABREU, 2019, s/p). Noutro também: “Eu não tinha acesso a ninguém da Polícia Civil [...] Na PF, também não tinha. Eu fui até lá porque tinha um cliente que conhecia os delegados”, me disse por telefone (ABREU, 2019, s/p).

É possível perceber que o narrador parte de um lugar de conhecimento e de grande trabalho com investigação policial, que contribui para que sua presença esteja ainda mais evidência no texto. Mesmo quando o narrador não se coloca em primeira pessoa, as estratégias comunicativas utilizadas por ele mostram uma tentativa de uma conversa. É como se narrador e leitor estivessem sentados, conversando, e narrador vai detalhando ao leitor todos os acontecimentos apurados por ele para a construção jornalística, como na passagem a seguir:

“Ele batia nos alunos com barra de ferro. Chegou a quebrar o braço de um e a estourar o rim de outro”, me disse um policial que atuou no batalhão na época. [...] Procurado pela piauí, Barbosa não quis se pronunciar. Na época, por meio de nota, refutou as acusações feitas no jornal. Lages negou ter

ameaçado o miliciano. “Palavras o vento leva”, me disse o delegado (ABREU, 2019, s/p).

Nos momentos em que o narrador não está expressamente presente, por exemplo, quando ele traz falas das personagens presentes na história, abrindo mais do que as aspas. São falas que compõem a narrativa e estão relacionadas a outros acontecimentos. “O coordenador do grupo nomeado por Dodge, procurador Marcelo de Figueiredo Freire, rebateu: ‘Esclareço que não houve nenhuma usurpação da atividade conferida ao Ministério Público Estadual. Não houve investigação ‘paralela’ dos fatos’” (ABREU, 2019, s/p). Considera-se que a presença deste narrador contribui amplamente para que a ordem dos fatos realmente mostre ao leitor novas instâncias, informações e ocorrências que o fazem compreender toda a história, que foi proposta pelo próprio narrado. Nos trechos selecionados, verifica-se que a presença expressa ou não do narrador é forte e favorece a tessitura de uma narrativa, que foi construída pelo narrador mesclando efeitos de real e poético que contribuem para o entendimento do leitor. Aqui, ainda, observa-se o que Motta (2005) chama de discurso narrativo subjetivo, que está ligado à presença explícita de alguém que narra, conduz, dá liga aos fatos jornalísticos.

Para a aplicação da análise do quinto movimento proposto por Motta (2005), denominado a relação comunicativa e o “contrato cognitivo”, pode-se ir além destes trechos citados acima. Destaca-se, também, aqueles em que o narrador sempre se dedica a começar com um aspecto de temporalidade, principalmente por datas, por exemplo (ABREU, 2019, s/p): I) “A favela data de 1969”; II) “Em março de 2005”. III) “Um ano depois da proposta de Freixo, em 2008”; IV) “Na noite de 21 de março”; V) “No dia seguinte ao crime”. Estes elementos, que pela análise cumprem movimentos poéticos, contribuem amplamente para que o leitor trace uma linha temporal dos acontecimentos.

Outros elementos também causam efeitos poéticos, como detalhes que, em um primeiro momento, aparentemente, não fazem diferença no ato narrado, mas estabelecem uma relação comunicativa, que pode estar além do fato em si, como ocorre no trecho abaixo:

“Vamos que vamos, vamos juntas ocupar tudo”, concluiu diante do público de pouco mais de vinte mulheres. Foi aplaudida, abriu o sorriso grande que lhe era característico e levantou-se, ajeitando a saia com estampas florais e a blusa azul-marinho de alças finas (ABREU, 2019, s/p).

Outra observação está na maneira com que a reportagem está dividida nas páginas e no site da revista. Alguns parágrafos são iniciados com uma letra capitular, cuja fonte é maior, negritada, chamando a atenção para o que parece ser o início de um novo momento da narrativa, sem que haja intertítulos (ver figura 2). Por elas, o narrador consegue mostrar ao

leitor que ele está mudando de assunto e de contexto, ainda que juntos eles resultem em uma mesma história. Assim sendo, considera-se que uso deste artifício também configura elementos poéticos:

Figura 2: Utilização da letra capitular em fonte negritada para demarcar a mudança de assunto ou contexto na reportagem.

Um mês após os assassinatos, o repórter Antônio Werneck recebeu na redação do jornal *O Globo* o telefonema de uma pessoa que disse haver um grande “furo” à espera dele na

Fonte: ABREU, 2019, s/p.

Mudando o foco, na identificação das personagens, mostrando ao leitor quem é cada um deles dentro da narrativa, a partir dos trechos citados no terceiro movimento de análise, o narrador também utiliza dessas estratégias para construir efeitos de sentido. Este conjunto de fatores compõem a estratégia do narrador em apresentar uma narrativa rica em detalhes, que tudo indica ter sido tecida através de uma grande apuração jornalística, que contribuem amplamente em aspectos sociais, jornalísticos e investigativos pelo caso.

Buscando entender qual o foco do narrador, pode-se concluir que neste ponto ele está intencionado a fazer com que os leitores possam abrir as suas mentes para os acontecimentos e, assim como ele, associar que todos estão para uma mesma linha de fatos, que juntos ganham um novo propósito na narrativa. Para isso, o narrador busca elementos que possam, de certa forma, ganhar a confiança do leitor. Assim como proposto por Motta (2005) em sua teoria. Esses artificios podem partir da opção do narrador pela verdade dos fatos, pela isenção, transmitindo para o leitor os acontecimentos com objetividade, trazendo vozes de personagens e suas vivências para concretizar este desejo. A opção pelos detalhes também pode estar encaixada neste aspecto. Uma maior quantidade de detalhes, sugere respectivamente uma apuração mais trabalhada.

Neste ponto, pode-se abrir para outra forma de análise para que a relação comunicativa seja estabelecida. Ressalta-se que o veículo em que a narrativa será publicada também influencia muito para estabelecer essa relação. O objeto em questão, como citado, está publicado na Revista piauí que, como é garantido por ela, dá tempo para que seus jornalistas produzam boas narrativas.

Todos esses elementos figurados na narrativa, proporcionam que o leitor possa alimentar a sua imaginação e dar vida aos acontecimentos que estão sendo levados a ele. “A Metástase”, em sua tessitura, permite que o leitor faça viagens no tempo, visualize situações, viva emoções e tire sua própria conclusão dos fatos em meio a trama jornalística.

Chega-se ao sexto movimento de análise, apresentado por Motta (2005), chamado de metanarrativas - significados de fundo moral ou fábula da história. Nele o autor defende que qualquer que seja a narrativa, real ou fictícia, ela possui um fundo moral ou ético (MOTTA, 2005). É comum que, em narrativas literárias, esses fundos estejam acomodados no fim dos textos, envolvendo toda a trama anterior, dando um desfecho. No caso de reportagens, Motta (2005) aponta que esses fundos aparecem ao longo do texto. “A Metástase” se encaixa no que Motta (2005) apontou, por exemplo, quando discorre sobre o assassinato da Marielle – ponto alto da narrativa –, e em outros momentos de narração de fatos correlacionados.

Na grande reportagem, pode-se destacar efeitos éticos que estão ligados a questões políticas, como a presença de personagens em cargos públicos, envolvidos com o crime, por exemplo: “Há fortes indícios do envolvimento do vereador com paramilitares – em escutas telefônicas autorizadas pela Justiça em outro inquérito da Polícia Civil, ele conversa com um miliciano e se despede com um ‘te amo, irmão’” (ABREU, 2019, s/p). Neste trecho, o narrador está falando sobre o então vereador, Marcello Siciliano e seu envolvimento com paramilitares.

Outro ponto importante, é como o narrador traça uma linha lógica de acontecimentos no envolvimento da favela Rio das Pedras.

No primeiro semestre de 2001, o professor Marcelo Baumann Burgos reuniu 22 alunos do curso de ciências sociais da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro para um estudo sociológico na favela Rio das Pedras, na Zona Oeste da cidade. Pesou na escolha da comunidade, além de seu tamanho – 40 mil habitantes na época e 80 mil hoje –, o fato de ser uma das poucas da capital fluminense sem narcotraficantes (ABREU, 2019, s/p).

Rio das Pedras abre a narrativa, no ano de 2001, ao ser uma das que ainda não havia sido atingida pelo tráfico. Em um primeiro momento, quando se inicia a leitura, não é evidente o fato de abordar a aula do Prof. Baumann, pois não parece estar diretamente ligada ao propósito da reportagem. Mais adiante, Rio das Pedras já surge atingida por grupos criminosos e, à frente em um enredo de “currais eleitorais”, com envolvimento dos acusados no caso Marielle. Além destes, há outros trechos que causam desconforto no leitor ao entender toda a trama.

Tanto Adriano Nóbrega quanto Ronald Pereira foram homenageados na Assembleia Legislativa do Rio com menções honrosas propostas pelo então deputado estadual Flávio Bolsonaro. Para justificar a homenagem a Nóbrega,

que ocorreu em 2003, Flávio argumentou que o então capitão prestava “serviços à sociedade, desempenhando com absoluta presteza e excepcional comportamento nas suas atividades” (ABREU, 2019, s/p).

Aqui, pensamos naquela perspectiva de entender se o crime compensa ou não, remetendo também ao fundo moral e ético. Ao fim da reportagem, o narrador traz em seu último parágrafo o único momento em que a palavra que compõe o título da reportagem aparece: A metástase.

As promotoras e a Polícia Federal já estão certas da participação do grupo de assassinos no crime contra a vereadora. Quem mandou matar e por qual motivo são questões ainda sem respostas. “O crime se espalhou pelo poder constituído do Rio. Tem bancada. É uma metástase sem controle. O estado não sai mais dessa situação por suas próprias mãos”, me disse uma autoridade que participa das investigações do caso Marielle (ABREU, 2019, s/p).

Dar um ar de ponto final a narrativa da grande reportagem desta maneira, isenta o narrador de apresentar a sua própria conclusão da história, a moral, quem mandou matar Marielle. Ele se ampara na fala de outra personagem, sem nome, mas que tem função nas investigações. Com isso, constata-se que apesar de tecer sobre um espaço temporal longo de acontecimentos, de trazer vestígios, personagens, informações, o fato de o narrador optar por não mostrar uma conclusão, amplia a percepção de que a narrativa ainda não terminou. O narrador aposta que, de todo o modo, ainda se tem outros episódios ligados ao assassinato, que vão ter tanta importância quanto os que já foram apresentados.

Acredita-se que este movimento metanarrativo, de lucidar momentos, como os citados acima, também pode estar presente no objetivo que o narrador tem para com a narrativa e sua audiência. O que ele busca levar ao leitor? Em “A Metástase”, percebe-se um narrador detalhista, observador de outros fatos, que pretende apresentar ao leitor uma narrativa única, capaz de transformar seus pensamentos e mostrar o quão é importante se ater a outros detalhes, de modo a contribuir para um entendimento profundo sobre os avanços das milícias na cidade do Rio. É preciso enxergar para além dos fatos e habilitar, em certo modo, o público a fazer um exame de todos os acontecimentos e, como já mencionado, ter as próprias conclusões sobre o caso.

Após a análise, é possível considerar que “A Metástase” não é uma grande reportagem para ser lida de uma só vez, ou apenas uma única vez. Ela foi escrita para que seu leitor pudesse ter tempo para se debruçar sobre ela, assim como o seu narrador dedicou tempo para tecê-la. Essa conclusão parte de uma leitura mais profunda, que a cada parágrafo apresenta

novos fatos e acontecimentos que acabam mudando o rumo da narrativa ao longo de sua edificação. É preciso que o leitor esteja atento e siga a mesma linha de raciocínio do narrador.

E, para que isso seja possível, é o próprio narrador quem ditou o ritmo que ele gostaria que a narrativa tivesse. Um ritmo por vezes lento, que passa por longos anos de acontecimentos, que revelam fortes características da formação das milícias na cidade do Rio de Janeiro, acarretando diversos crimes de corrupção, dos mais diferentes tipos, e que estariam ligados ao caso de Marielle Franco e Anderson Gomes. Mas, por vezes rápido, em enunciar fatos importantes dentro da narrativa e ambos prendem o leitor para saber um pouco mais, despertando curiosidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizar essa pesquisa, foi possível tomar uma dimensão mais completa sobre a importância da narrativa e narrativa jornalística para a compreensão de fatos isolados, que, em conjunto, tomam uma proporção mais significativa para o leitor. Escolher “A Metástase” partiu de um desejo pessoal em conhecer um pouco mais sobre a história de luta de Marielle Franco, encerrada precocemente pelo seu assassinato e de seu motorista, Anderson Gomes. Poder estar mais próxima a um processo narrativo precioso e singular sobre esse grande fato jornalístico, tomou em mim uma enorme proporção da importância de se ter jornalistas capazes de compreender um fato para além de si mesmo.

De acordo com Motta (2005) a narratologia é um ramo das ciências humanas que estuda os sistemas narrativos no seio das sociedades (MOTTA, 2007, p. 2). Diante disso, constata-se que foi possível realizar uma análise que diz muito sobre como os fatos amarrados, costurados, como colchas de retalhos diferentes, traçam as dores existentes nos seios da sociedade, que são protagonizados pelas pessoas, criando sistemas. Na narrativa em questão, percebe-se sempre um movimento que mostra ao leitor as feridas dentro das favelas, na cidade do Rio, que desencadeiam em muitas outras dores que são apresentadas na grande reportagem. Assim, nota-se que é possível ir além dos objetivos traçados para o texto narrativo. Com uma temática tão forte de criminalidade presente na cidade do Rio, é possível que eles reflitam ou ocorram em outros espaços, em outras instâncias, com outras personagens, de um enredo totalmente diferente, mas próximo.

“A Metástase” também apresenta uma ampla capacidade do narrador em ligar fatos isolados, em torno de um só. A maneira como ele liga os fatos, principalmente com fragmentos de tempo e espaços comuns entre os personagens, impressiona. Neste aspecto, ficam algumas perguntas que não foi possível responder conclusivamente com essa pesquisa. Será que ele escreveu toda a reportagem sozinho? Houve ajuda de outros repórteres? Como ele pensou na pauta desta narrativa? Será que o narrador sabia que sua narrativa poderia tomar uma proporção tão grande? Como foi a pesquisa que o fez chegar em tantos detalhes? São muitas perguntas. É possível presumir, no mínimo, que o narrador já havia estabelecido uma relação mais próxima as narrativas presentes em sua trama, tendo nessa relação contatos significativos que fizeram toda a diferença para encontrar informações e transformá-las dentro da narrativa.

A narrativa jornalística na grande reportagem foi possível ser apresentada através na narração do real e por isso, constrói sentidos para o leitor que investiu seu tempo em lê-la.

Sentidos esses que foram gerados, possivelmente, pela confiança que a narrativa passou para o leitor ao perceber a costura de fato a fato. A opção pelo real está presente no jornalismo desde seus primórdios. Nesta narrativa é de grande valia para que a construção de sentidos seja concretizada essa presença do real, que está afirmada em muitos momentos, como mencionado na análise em si, a presença de personagens, espaços, falas, pequenos fragmentos da história contadas por outras pessoas, contribuem amplamente para que o narrador conseguisse atingir este ponto entre o fato e verdade sobre o fato.

Ao olhar para a quantidade de fragmentos que a grande reportagem reúne, é possível imaginar um trabalho intenso em prol da construção da narrativa. Aqui, cabe voltar à Revista Piauí como uma mediadora de possibilidades e liberdade para que seus escritores, jornalistas, narradores tenham tempo e espaço para apresentar produções diferentes das que estão presentes em outros veículos jornalísticos. O estilo permitido pela Piauí com certeza colaborou para que a narrativa fosse tecida, costurada em detalhes pelo seu narrador. Em outro veículo, certamente ela não terminaria no mesmo produto e alcançaria pensamentos e conclusões diferentes.

Além disso, foi possível notar a existência de várias construções textuais que cooperaram para que a narrativa fosse idealizada pelo seu narrador, mostrando aquilo que foi proposto no título: uma metástase de acontecimentos que se espalharam sem precedentes, sem avisos e sem que a sociedade percebesse o quanto estes desdobramentos foram importantes para o desencadeamento dos fatos na investigação do assassinato de Anderson e Marielle. No dia 12 de março de 2019, dias depois da publicação de *A Metástase*, o policial militar reformado Ronnie Lessa e o ex-policial militar Élcio Vieira de Queiroz, foram presos como os principais suspeitos do assassinato. Ainda assim, até o fechamento desta pesquisa, o caso continua sem maiores respostas.

Olhando de modo particular para execução, tive dificuldades para concluir o estudo, tendo em vista que esta foi o meu primeiro contato com a pesquisa científica, no campo acadêmico. Essa circunstância me desafiou a entender, no pouco tempo para a realização desse estudo, como uma pesquisa deve ser realizada e qual o melhor percurso metodológico seguir para atingir os objetivos.

Saber lidar com notícias fortes, foi outra dificuldade que encontrei, pois elas explicitavam fatos de grande violência; precisei superar isso para intensificar os estudos relativos à reportagem em questão. Sou grata narrativa e ao seu narrador pela enorme contribuição, por me concederem possibilidades para compreender os processos narrativos.

O fato do assassinato de Marielle Franco e Anderson Gomes ter acontecido recentemente, foi notável a falta de conteúdos acadêmicos que pudessem contribuir mais significativamente para a compreensão de outras características dessa narrativa. Todavia, esse material agora fica de referência para outros pesquisadores e pesquisadoras interessadas nessas discussões.

Essa monografia, também possibilitou o reconhecimento do quão significativo é compreendermos os processos sociais, culturais e políticos para entender que as heranças de uma sociedade são tomadas por grandes narrativas históricas. Ter jornalistas narradores com o mesmo intuito de Allan de Abreu, que assinou esta reportagem, fortalece o trabalho jornalístico preocupado em contar movimentos que foram poucos ou nada observados pelas mídias, mas que possuem um valor altíssimo no entender dos fatos, não só daquele que moveu esta narrativa, mas de tantos outros que assolam a sociedade brasileira. Posto assim, faz-se necessário ter profissionais preparados para trabalhar com essas grandes narrativas, capazes de tecê-las para quaisquer que sejam os públicos, corroborando para que tenhamos uma sociedade mais informada e ciente dos fatos importantes, que como dito anteriormente, transformam a sociedade e são capazes de produzir amplos sentidos.

REFERÊNCIAS

ABREU, Allan de. “A metástase - o assassinato de Marielle Franco e o avanço das milícias no Rio”. **Revista piauí**. Anais da tragédia Brasileira. 2019. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/a-metastase/>. Acesso em: 26 de jun. de 2019.

ANISTIA INTERNACIONAL. **Nota Urgente: justiça para Marielle Franco**. Londres, 2018. Disponível em: <<https://anistia.org.br/noticias/nota-urgente-justica-para-marielle-franco>>. Acesso em: 26 de jun. de 2019.

BARTHES, Roland. **Análise estrutural da narrativa** (seleção de ensaios da revista Communications no 8, 1966). Trad. Maria Zélia Barbosa Pinto. Rio de Janeiro: Vozes, 1971.

CARNEIRO, Júlia Dias. Rejeição da família, pedido de casamento e luto: a história de amor interrompida de Marielle e Monica. **BBC Brasil**, no Rio de Janeiro, 30 mar. de 2018a. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43558653>>. Acesso em: 26 de jun. de 2019.

_____. 'O luto não acaba, não nos deixam esquecer', diz filha de Marielle, quatro meses após assassinato da mãe. **BBC Brasil**, no Rio de Janeiro, 19 jul. de 2018b. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-44884283>>. Acesso em: 26 de jun. de 2019.

CERQUEIRA, Daniel. et al. **Atlas da Violência 2019**. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/9406/1/Atlas%20da%20viol%c3%aancia_2019.pdf>. Acesso em: 26 de jun. de 2019.

DUVANEL, Talita. **O texto com um parafuso a mais: o jornalismo narrativo na Revista Piauí**. Monografia (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo). Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <<https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/2268/1/TDuvanel.pdf>>. Acesso em: 26 de jun. de 2019.

EMOTION au Brésil après l'assassinat d'une conseillère municipale de Rio. **Paris Match**, França, 15 de mar. de 2018. Disponível em: <<https://www.parismatch.com/Actu/International/Emotion-au-Bresil-apres-l-assassinat-d-une-conseillere-municipale-de-Rio-1480103>>. Acesso em: 26 de jun. de 2019.

FRANCO, Marielle. Entrevistamos Marielle Franco: mulher, negra, periférica e Vereadora do RJ — Mulheres na Política #1. **Revista Subjetiva**, mai. 2017. Entrevista concedida a Marcella Meirelles, Helena de Saviano, Mayra Chomski e Lucas Machado. Disponível em: <<https://cutt.ly/hhcoqFO>>. Acesso em: 27 de nov. de 2019.

GENETTE, Gérard. **O discurso da narrativa**. Tradução: Fernando Cabral Martins. 3ª edição. Lisboa: Veja, 1995.

LEAL, Bruno Souza; CARVALHO, Carlos Alberto de. (Org). **Narrativas e poéticas midiáticas: estudos e perspectivas**. 1. ed. São Paulo: Intermeios, 2013. v. 1. 290 p.

LEAL, Bruno Souza; ELTON, Antunes; VAZ, Paulo Bernardo. **Pra entender o jornalismo**. Belo Horizonte: Autência Editora, 2014.

LONDOÑO, Ernesto. Killing of Rio de Janeiro Councilwoman Critical of Police Rattles Brazil. **The New York Times**, New York, 15 de mar. de 2018, Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2018/03/15/world/americas/killing-of-rio-de-janeiro-councilwoman-critical-of-police-rattles-brazil.html>>. Acesso em: 26 de jun. de 2019.

MORAES, Letícia Nunes de. **Leituras da revista Realidade: 1966-1968**. São Paulo: Alameda, 2007.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Análise pragmática da narrativa jornalística. In: LAGO, C; BENETTI, M. (org.). **Metodologia de Pesquisa em Jornalismo**. Petrópolis: Vozes. 2007.

_____. A Análise Pragmática da Narrativa Jornalística. **Anais INTERCOM** (São Paulo) 2005. Disponível em: <<https://cutt.ly/MhcolM4>>. Acesso em: 26 de jun. de 2019.

_____. Jornalismo e configuração narrativa da história do presente. **Anais E-Compós**, v. 1, 26 jun. 2004. Disponível em: <<https://doi.org/10.30962/ec.8>>. Acesso em: 26. jun. de 2019.

MOTTA, Luiz Gonzaga; COSTA, Gustavo Borges; LIMA, Jorge Augusto. Notícia e construção de sentidos: análise da narrativa jornalística. **Anais INTERCOM** (São Paulo), São Paulo, v. XXVII, n.02, p. 31-51, 2004. Disponível em: <<http://portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/view/1067/968>>. Acesso em: 26 de jun. de 2019.

PELLEGRINO, Antônia. Depois do atentado: Como a morte de Marielle Franco mudou nossas vidas. **Revista piauí**, Rio de Janeiro, Edição 139, abril de 2018. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/materia/depois-do-atentado/>>. Acesso em: 26 de jun. de 2019.

PENA, Felipe de Oliveira. O jornalismo literário como gênero e conceito. IN: XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2006, Brasília. **Anais do XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 2006. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/77311256385591019479200175658222289602.pdf>>. Acesso em: 26 de jun. de 2019.

PHILLIPS, Dom. Protests held across Brazil after Rio councillor shot dead. **The Guardian, Londres**, 15 de mar. de 2018. Disponível em: <<https://cutt.ly/ZhcoWjV>>. Acesso em: 26 de jun. de 2019.

PIAUI. **Sobre nós**. [s/p]. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/sobre-nos/#:~:text=A%20piaui%C3%AD%20%C3%A9%20uma%20revista,o%20tratamento%20de%20canal%2C%20revolucion%C3%A1rio.>>. Acesso em: 26 de jun. de 2019.

RESENDE, Fernando. O Jornalismo e suas Narrativas: as Brechas do Discurso e as Possibilidades do Encontro. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 18, p.31-43, dez. 2009.

RICOEUR, Paul. Entre tempo e narrativa: concordância/discordância. **Kriterion: Revista de Filosofia**, Belo Horizonte, v. 53, n. 125, pág. 299-310, junho de 2012. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/kr/v53n125/15.pdf>>. Acesso em: 26 de jun. de 2019.

SANTOS, Ana Carolina; ALMEIDA, Emily. **Revista piauí**, Rio de Janeiro, 15 de mar. de 2019. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/marielle-inspira-ativismo-cotidiano-de-mulheres-anonimas/>>. Acesso em: 26 de jun. de 2019.

SODRÉ, Muniz.; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de Reportagem. Notas Sobre a Narrativa Jornalística**. São Paulo: Summus Editorial, 1986.

TV CÂMARA. João Moreira Salles falando sobre a revista Piauí. **Youtube**, 2007. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=P8V5QnHAlmo>>. Acesso em: 26 de jun. de 2019.

UOL. Freixo fala sobre Marielle: “perdi uma filha”. **Youtube**, 23 de mar. de 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=iEor6EoGtI0>>. Acesso em: 26 de jun. de 2019.

WEISE, Angélica Fabiane. Para compreender o jornalismo literário. **Observatório da Imprensa**, São Paulo, Edição 730, 22 de jan. de 2013. Disponível em: <<https://cutt.ly/JhxPvN8>>. Acesso em: 26 de jun. de 2019.